



Agro Mensal Consultoria Agro | Itaú BBA

Abril/2026

Índice

Clima

Divergência dos modelos de chuva mantém clima para safrinha no radar

Soja

EUA iniciam safra 2026/27 com perspectivas positivas

Farelo e Óleo

Mandatos nos EUA ampliam esmagamento de soja e oferta de farelo

Milho

Área menor nos EUA abre espaço para mercado global mais ajustado em 2026/27

Algodão

Mercado seguirá atento ao plantio americano e aos movimentos do petróleo

Arroz

Menor produção na safra 2025/26, mas balanço ainda confortável

Trigo

Relação de troca piorando desafia decisão de plantio para 2026/27

Boi

Cenário favorável segue, embora com desafios no horizonte

Frango

Avicultura brasileira enfrenta riscos, mas mantém resiliência

Suíno

Suinocultura demanda cautela diante de spreads no limite

Café

Café deve transitar do aperto atual para maior acomodação

Laranja

Safra de laranja 2026/27 na Florida é reestimada em 12,2 MM de caixas

Açúcar

Início da moagem da safra 2026/27 traz mix e clima ao foco

Etanol

Gasolina sustenta competitividade do etanol pela paridade

Fertilizantes

Conflito pressiona fertilizantes e mantém preços em alta



Clima em março desafiou colheita da soja e plantio da safrinha de milho

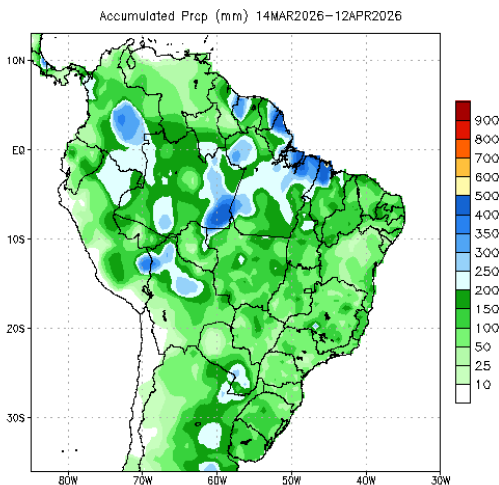
Março foi marcado por contrastes climáticos no Brasil: excesso de chuvas no Centro-Oeste, Norte e Matopiba atrasou a colheita da soja, enquanto atrasos operacionais ampliaram os riscos para a safrinha.

Em março, o clima no Brasil foi marcado por fortes contrastes regionais, influenciando de forma decisiva o ritmo da colheita da soja 2025/26. De modo geral, chuvas acima da média predominaram no Centro Oeste e no Norte, enquanto o Sul do país enfrentou períodos de estiagem, cenário que gerou impactos distintos entre as principais regiões produtoras.

No Centro Oeste, especialmente em Goiás, as precipitações frequentes e acima da média dificultaram o avanço da colheita ao longo do mês, provocando atrasos pontuais e desafios também para o plantio da segunda safra. No MATOPIBA, março também foi marcado por chuvas volumosas e irregulares, especialmente no Maranhão e no Tocantins, o que dificultou o avanço da colheita nas áreas mais tardias. Em algumas regiões, o excesso de umidade afetou a qualidade dos grãos.

Sendo assim, o mercado passou a monitorar as previsões climáticas para o final de abril e início de maio, diante da elevada dependência das chuvas regulares nesse período, que concentrará grande parte das lavouras em estadiu reprodutivo nos estados do Paraná, Goiás e Mato Grosso do Sul.

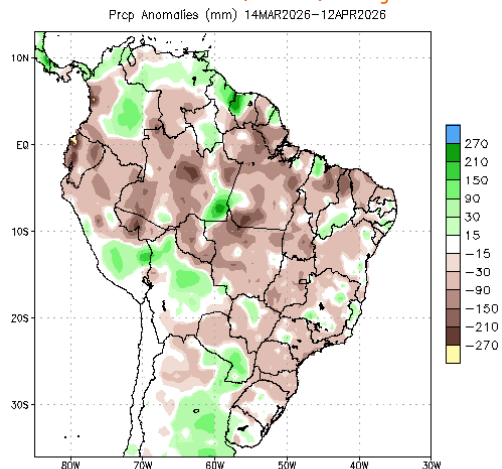
Acumulado entre 14/03 e 12/04



Data Source: CPC Unified (gauge-based & 0.5x0.5 deg resolution) Precipitation Analysis

Fonte: NOAA

Anomalia da precipitação



Data Source: CPC Unified (gauge-based & 0.5x0.5 deg resolution) Precipitation Analysis Climatology (1991–2020)

Fonte: NOAA

Divergência dos modelos de chuva mantém clima para safrinha no radar

Projeções divergentes dos modelos de chuva elevam a atenção ao risco de estresse hídrico nas lavouras de 2ª safra. Em horizonte mais longo, o aumento da probabilidade de El Niño no 2º semestre reforça preocupações para a safra sul-americana 2026/27.

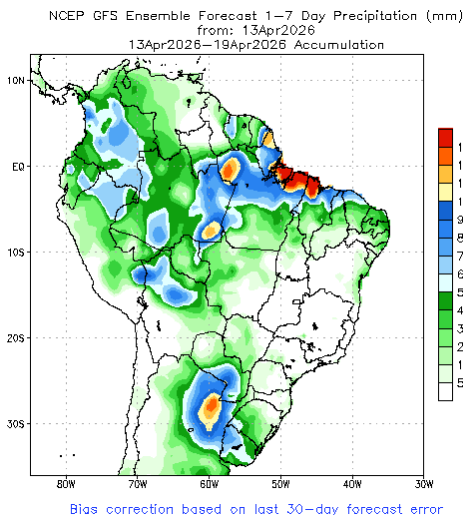


As perspectivas climáticas para o restante de abril e maio seguem marcadas por incerteza, diante da divergência entre os principais modelos meteorológicos quanto ao acumulado de chuvas. O modelo americano indica volumes mais baixos no Sudeste, Sul e Centro-Oeste, sugerindo uma transição mais rápida para um padrão mais seco ao longo do mês. Em contrapartida, o modelo europeu mantém projeções de chuvas mais próximas da média histórica, o que dificulta a definição de um cenário climático mais claro no curto prazo.

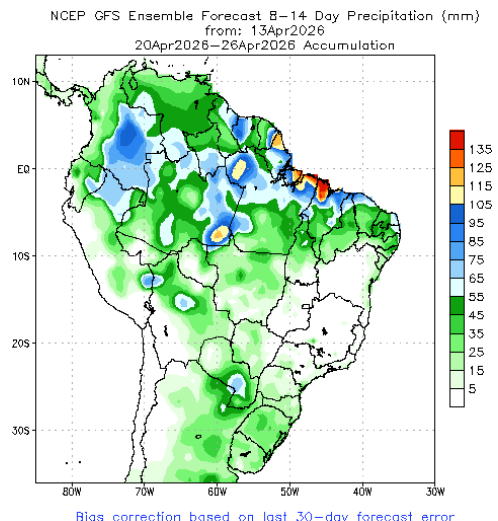
Essa falta de convergência reforça a atenção para a regularidade das precipitações, mais do que para os volumes totais previstos. Mesmo em cenários com acumulados razoáveis, falhas na distribuição das chuvas ao longo do mês podem elevar o risco de estresse hídrico pontual, especialmente em regiões com culturas em fases mais sensíveis do ciclo produtivo. Assim, abril tende a permanecer como um mês decisivo, exigindo acompanhamento constante das atualizações dos modelos.

No horizonte mais longo, os modelos climáticos seguem fortalecendo a probabilidade de ocorrência de *El Niño* no segundo semestre de 2026, com maior influência sobre a safra de verão do hemisfério Sul. As atualizações mais recentes indicam redução do cenário de neutralidade a partir do trimestre jun/jul/ago, quando a possibilidade de estabelecimento do fenômeno alcança cerca de 60%, e segue se fortalecendo nos trimestres seguintes, com chances acima de 80% de consolidação do *El Niño*. Se os modelos estiverem corretos, o fenômeno pode influenciar de maneira limitada a safra americana, mas atuar durante toda a safra 2026/27 da América do Sul.

Acumulado entre 13 e 19/04



Acumulado entre 20 e 26/04



Soja subiu em Chicago e favoreceu pontualmente os preços no Brasil

O mês de março foi marcado por volatilidade na soja, com ganhos em Chicago apesar da ampla oferta global. No mercado interno, a valorização foi limitada pelo câmbio, enquanto as exportações brasileiras bateram volumes recordes no início do ano

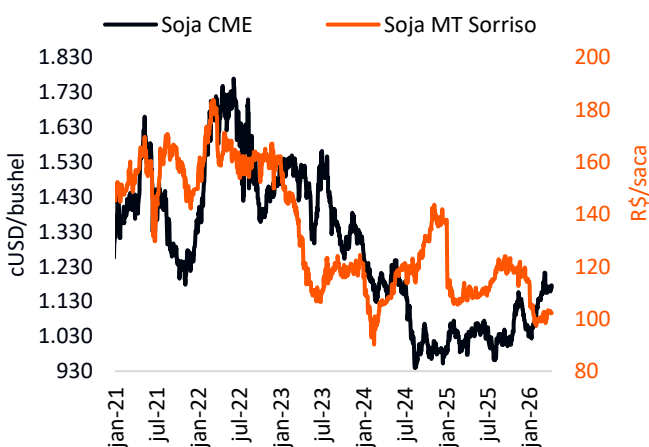
No mercado internacional, os contratos futuros na CBOT chegaram a testar níveis próximos aos maiores valores em quase dois anos no início de março, impulsionados pelo fortalecimento do complexo de óleos vegetais, pela valorização do petróleo e pela expectativa de maior demanda chinesa. No entanto, ao longo do mês, esse movimento perdeu força diante da confirmação de uma safra recorde no Brasil, estimada em torno de 180 MM t, o que reforçou a percepção de ampla disponibilidade global. Mesmo assim, em março, a soja apresentou alta de 4,3% em Chicago, para USD 11,72/bu. Durante os dez primeiros dias de abril, o mercado da soja deu continuidade ao ambiente de volatilidade observado em março, mas com viés predominantemente mais pressionado na CBOT, ainda refletindo a confirmação de um quadro de ampla oferta global e vendas externas dos EUA mais fracas, diante da forte concorrência do Brasil no mercado internacional

No mercado brasileiro, março também registrou valorização para o grão, acompanhando a CBOT, mas de forma mais moderada. Em Sorriso, a soja subiu 1,8%, para R\$ 101,4/saca. Chuvas em algumas regiões atrasaram o ritmo da colheita, mas não chegaram a comprometer de forma relevante a produção. Os dez primeiros dias de abril foram marcados por alguma valorização dos preços, favorecidos pela melhora dos prêmios. Porém, a taxa de câmbio apontando para uma apreciação do Real contribuiu para uma falta de sustentação das cotações, limitando a alta dos preços em Reais.

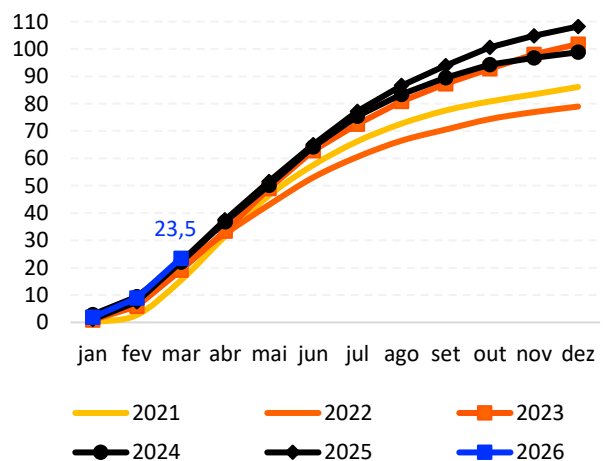
As exportações do grão seguiram em ritmo acelerado, com os embarques alcançando 14,5 MM t em março, segundo a Secex. No acumulado do ano até março, o volume de soja exportado pelo Brasil atingiu 23,5 MM t, 6% acima do mesmo período do ano passado.



Preço da soja em Chicago e em Sorriso



Evolução da exportação de soja, MM t



Fonte: CBOT, Eikon

Fonte: Secex

EUA iniciam safra 2026/27 com perspectivas positivas

A safra americana 2026/27 inicia com perspectiva de área maior de soja, estoques elevados e cenário climático favorável ao plantio, ao passo que, no Brasil, a piora da relação de troca desacelera a compra de fertilizantes para a safra de verão.

No último dia de março, o USDA divulgou o relatório de intenção de plantio para a safra americana 2026/27, elaborado a partir de entrevistas com produtores e trazendo as áreas projetadas para cada cultura. Segundo o levantamento, os EUA devem cultivar 34,3 MM ha com soja, número ligeiramente abaixo da expectativa do mercado, de 34,6 MM ha, mas que representa um aumento de 4% em relação à safra 2025/26.

Junto ao relatório de área, o USDA também publicou os dados do estoque trimestral de grãos, mostrando reservas americanas amplamente confortáveis e superiores ao mesmo período do ano passado.

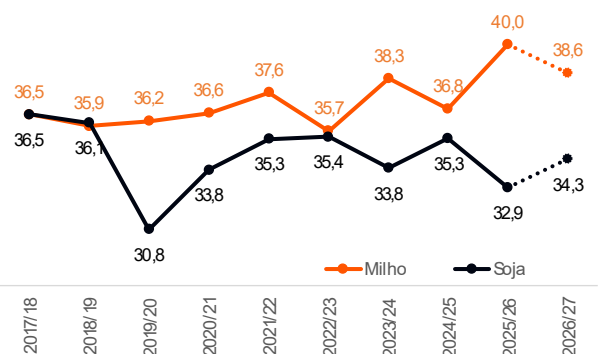
O clima nos EUA se mostra favorável para o início do plantio da safra 2026/27. Apesar das áreas de grãos sob alguma condição de seca estarem ligeiramente acima do ano passado nessa mesma época, os mapas de precipitação para o Meio-Oeste mostram boa distribuição de chuvas para as próximas semanas, o que deve ser favorável ao início dos trabalhos de plantio da nova safra. No geral, o período entre abril e meados de maio, meses que concentram os trabalhos de plantio, mostram boas chuvas para o Cinturão de Grãos. Nesse momento, inclusive os mapas para junho e julho mostram bons volumes de precipitação, o que, caso se confirme, será muito positivo para o desenvolvimento da safra americana 2026/27.

No Brasil, diante do aumento dos fertilizantes em decorrência do conflito no Oriente Médio e da piora da relação de troca, as compras de fertilizantes para a safra 2026/27 estão estagnadas. Até o final de março, cerca de 38% do insumo para 2026/27 havia sido comercializado, versus 51% da média de 5 anos.

Balço global de O&D de soja, MM t

MM t	2022/23	2023/24	2024/25	2025/26	Var.
Estoque Inicial	94	102	115	125	8%
Produção	378	396	428	427	0%
EUA	116	113	119	116	-3%
Brasil	162	155	173	180	4%
Argentina	25	48	51	48	-6%
China	20	21	21	21	1%
Outros	55	60	65	63	-4%
Consumo	367	384	413	426	3%
Estoque Final	102	115	125	125	0%
E/C	28%	30%	30%	29%	

Evolução da área plantada com soja e milho nos EUA, MM ha





Demanda sustentou farelo, enquanto energia impulsionou óleo em março

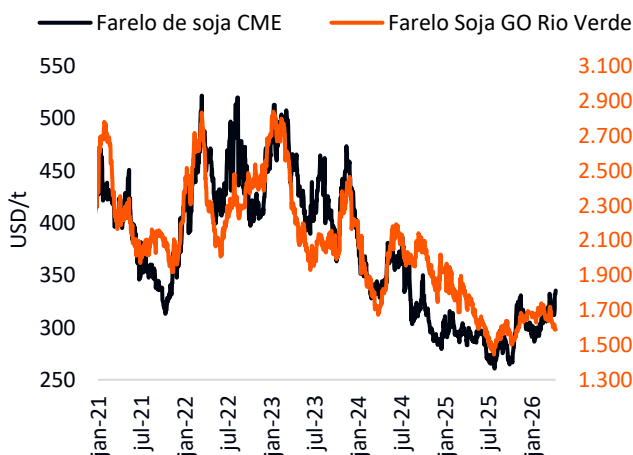
O mercado de derivados teve março marcado por firmeza do farelo e forte alta do óleo, impulsionados por demanda e energia. Na primeira metade de abril, a oferta sul-americana pesou sobre o farelo, enquanto o óleo manteve ganhos moderados.

No mercado internacional, o farelo de soja mostrou relativa firmeza em março, sustentado principalmente pela forte demanda do setor de proteínas animais, especialmente nos EUA e em parte da Ásia. No mês, a alta foi de 3,7%, para USD 317/t. No início de abril, no entanto, o farelo passou a enfrentar maior pressão, acompanhando o enfraquecimento da soja em grão e a redução do apetite dos fundos, além da expectativa de maior disponibilidade do produto sul americano com o avanço da colheita e do esmagamento no Brasil e na Argentina. Na primeira quinzena o farelo na CBOT registra queda de 0,5%, para USD 315/t.

Já o óleo de soja teve um desempenho mais volátil ao longo de março, fortemente influenciado pelo mercado de energia e biocombustíveis. A valorização do petróleo e as tensões geopolíticas no Oriente Médio deram suporte aos preços do óleo durante o mês, reforçando a percepção de maior competitividade do óleo de soja como matéria prima para biodiesel e diesel renovável, especialmente nos EUA. Em março, a alta foi de 14,6% em Chicago, para USDc 66/lb. Na primeira metade de abril, alguma correção nos preços do petróleo e a realização de lucros por parte dos investidores reduziram a alta do derivado, mas que ainda seguiu valorizando 4% ante março, para USDc 68,6/lb.

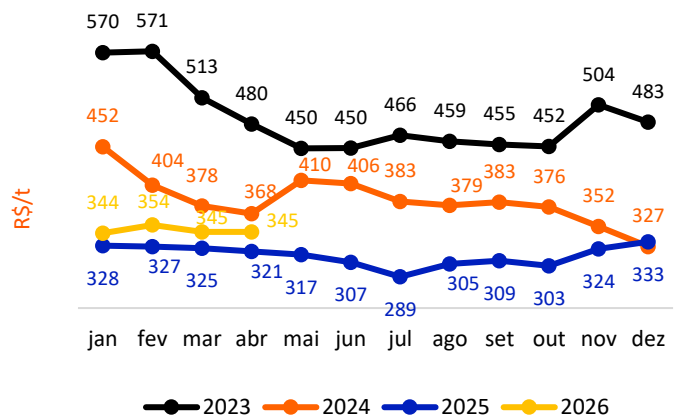
No Brasil, março foi marcado por pressão gradual sobre os preços do farelo, apesar da demanda consistente da indústria de rações. O avanço da colheita da safra 2025/26 e a expectativa de safra recorde de soja elevaram a disponibilidade de matéria prima para esmagamento, aumentando a oferta doméstica de farelo e limitando a elevação dos preços internos. Para o óleo, o movimento foi de ligeira queda para as cotações em março, mas retomada da valorização na primeira quinzena de abril, com o apoio externo e a melhora da demanda doméstica.

Preços do farelo na CBOT e em Rio Verde



Fonte: CBOT, Eikon

Evolução do preço do farelo em Rondonópolis, USD/t



Fonte: Eikon



Mandatos nos EUA ampliam esmagamento de soja e oferta de farelo

O aumento dos mandatos de biocombustíveis nos EUA projeta forte expansão do diesel renovável e do esmagamento de soja, sustentando farelo e óleo no curto prazo, embora a entrada da safra argentina indique maior competição e pressão sobre preços e prêmios dos derivados.

As novas regras de produção de biocombustíveis nos EUA foram publicadas no final do mês de março, estabelecendo patamares mais elevados. Segundo algumas fontes, considerando a redistribuição de isenções a pequenas refinarias, a produção de diesel de biomassa deve alcançar 5,5 bilhões de galões em 2026, ante 3,35 bilhões no ano passado. Para 2027, a projeção aumenta para 5,9 bilhões de galões. Vale destacar que, ao contrário da proposta inicial, que reduzia o incentivo dos RIN's com origem em matérias-primas importadas em 50%, houve a manutenção integral do benefício até o fim de 2027, o que deve manter a importação de matérias-primas para a produção de biocombustíveis.

O esmagamento de soja nos EUA ganhou força no relatório de abril do USDA, projetado em 71 MM t, alta de 1 MM t ante o relatório anterior, com destaque para o aumento da demanda por farelo, estimada agora em 39,2 MM t, alta de 725 mil toneladas.

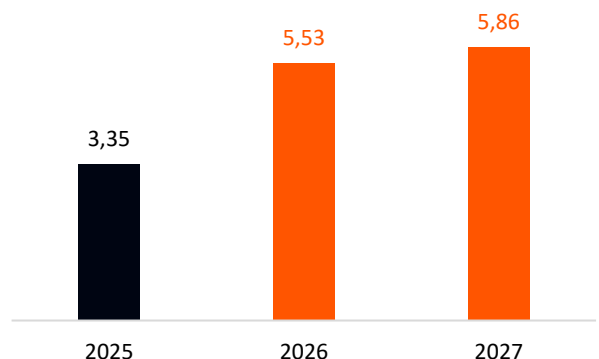
Além do aumento da demanda nos EUA, a recente greve dos caminhoneiros na Argentina também pode contribuir como fator de valorização para as cotações, a depender do período de duração do evento.

Para o óleo de soja, a expectativa é de que, a partir de meados de maio, o avanço mais consistente da colheita e do esmagamento na Argentina aumente a disponibilidade global, elevando a competitividade do produto do país vizinho e pressionando os prêmios brasileiros.

Balço global de oferta e demanda de farelo de soja

MMt	2022/23	2023/24	2024/25	2025/26	Var.
Estoque Inicial	17	14	15	18	26%
Produção	248	260	282	290	3%
EUA	48	49	53	56	6%
Brasil	41	42	44	47	7%
Argentina	24	29	34	32	-5%
China	76	78	82	86	4%
UE	11	11	12	12	-3%
Índia	8	9	9	7	-16%
Outros	40	42	48	50	4%
Consumo	247	255	273	286	5%
Estoque Final	14	15	18	19	5%
E/C	6%	6%	7%	7%	

Produção dos EUA de diesel de biomassa (biodiesel + diesel renovável), bi de galões





Alta dos preços em março combinou suporte energético e risco climático

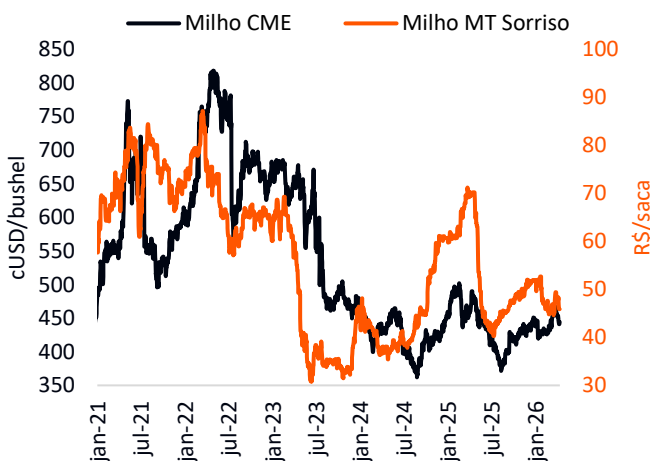
Após um março de valorização, apoiado pelo petróleo, etanol e incertezas geopolíticas, o milho avançou na CBOT e no mercado doméstico. Em abril, o cenário virou, com petróleo e dólar em baixa, colheita avançando e cotações apresentando leve recuo.

Durante o mês de março, a valorização do petróleo sustentou o milho na CBOT, ao melhorar as margens das usinas de etanol nos EUA, enquanto o conflito geopolítico e os custos de insumos mantiveram o mercado atento ao risco para a safra americana 2026/27. Na média mensal, o cereal em Chicago apresentou valorização de 5,3%, para USD 4,53/bu. No entanto, no início de abril, a pressão externa se intensificou com a queda acentuada do petróleo, após alguma sinalização de descompressão das tensões entre EUA e Irã, o que reduziu o prêmio do milho via etanol e levou a baixas na CBOT. Na média da primeira quinzena do mês, o cereal caiu 0,5%, para USD 4,5/bu.

No Brasil, em março, o movimento também foi altista, seguindo a valorização externa, mas também refletindo o atraso do plantio em algumas regiões de 2ª safra, a menor oferta pontual de produtores, concentrados na colheita da safra de verão e preocupações logísticas em torno do aumento do diesel e fretes. Com isso, o milho em Campinas subiu 4,4%, para R\$ 71/saca. Entretanto, esse suporte perdeu força no início de abril, quando o avanço da colheita da 1ª safra, a melhora das condições climáticas para a 2ª safra e a queda do dólar passaram a pressionar as cotações. A valorização do real reduziu a paridade de exportação, desestimulando negócios nos portos e aumentando a cautela dos compradores domésticos, muitos já abastecidos. Com isso, na primeira quinzena de abril, os preços em Campinas voltaram para patamar abaixo dos R\$ 70/saca.

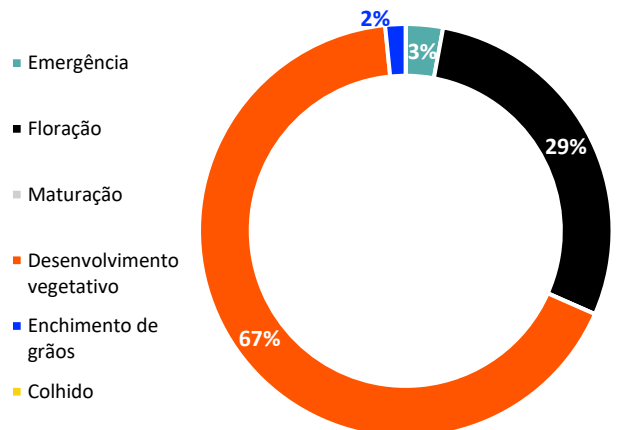
Até o momento, a 2ª safra tem se desenvolvido bem em todas as regiões produtoras, com chuvas nos últimos dias que aliviaram o estresse em áreas do oeste do Paraná. Nesse momento, a maior parte das lavouras se encontra em desenvolvimento vegetativo, mas quase um terço do total, concentrado no MT, já está em fase de floração, com maior exigência hídrica.

Preço do milho em Chicago e em Sorriso



Fonte: CBOT, Eikon

Fenologia do milho 2ª safra, início de abril



Fonte: Conab



Área menor nos EUA abre espaço para mercado global mais ajustado em 2026/27

USDA indica menor área de milho em 2026/27, limitando o potencial produtivo dos EUA e abrindo espaço para estoques menores à frente. Ao mesmo tempo, fertilizantes mais caros e compras atrasadas de insumos elevam incertezas para a 2ª safra 2026/27.

O relatório de intenção de plantio do USDA para a safra 2026/27, divulgado no final de março, trouxe, para o milho, uma área estimada em 38,6 MM ha, superando a previsão de 38,2 MM ha, porém indicando uma redução de 4% frente ao ciclo anterior. Vale destacar que a pesquisa foi concluída antes da intensificação dos riscos geopolíticos ligados à Guerra no Oriente Médio, o que pode resultar em ajustes nas intenções de plantio ao longo da temporada.

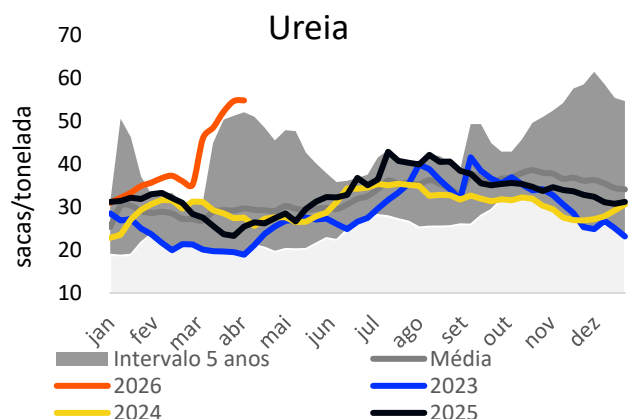
Ainda que tenha trazido uma área de milho acima da expectativa do mercado, o relatório de intenção de plantio confirma uma tendência que já era esperada, de menor área de milho para os EUA esse ano. Com isso, a produção americana deve ter um teto abaixo da produção recorde alcançada no ano passado. Assumindo bons níveis de produtividade, não os níveis recordes da safra passada, mas a tendência de crescimento dos últimos anos, a produção americana para 2026/27 tende a ficar próxima de 400 MM t. O volume ainda seria expressivo, porém cerca de 30 MM t abaixo da safra 2025/26. Para o balanço americano, possivelmente, nesse nível de produção, os estoques finais seriam menores ao término da safra 2026/27 mas ainda em níveis elevados, porém, em nível global, uma produção americana 30 MM t menor poderá significar um mercado deficitário, a depender da evolução do consumo mundial, levando a redução dos estoques globais.

A elevação do preço da ureia nas últimas quatro semanas seguiu piorando os níveis de relação de troca com o cereal, que já se encontram nos piores patamares das últimas 5 safras. Atualmente, são necessárias 55 sacas de milho para aquisição de 1 tonelada de ureia. O mercado de insumos segue em compasso de espera, com apenas 5% dos fertilizantes para a 2ª safra 2026/27 adquiridos até o fechamento de março (média 5 anos = 20%).

Balanço global de O&D de milho

MM t	2022/23	2023/24	2024/25	2025/26	Var.
Estoque Inicial	314	305	315	296	-6%
Produção	1.166	1.231	1.231	1.301	6%
EUA	347	390	378	432	14%
Brasil	137	119	136	132	-3%
Argentina	37	52	50	52	4%
China	277	289	295	301	2%
UE	52	62	60	57	-5%
Ucrânia	27	33	27	31	15%
Outros	288	288	286	296	4%
Consumo	1.167	1.226	1.249	1.288	3%
Estoque Final	305	315	296	295	0%
E/C	26%	26%	24%	23%	

Relação de troca milho/ureia



Março marcou retomada consistente dos preços do algodão

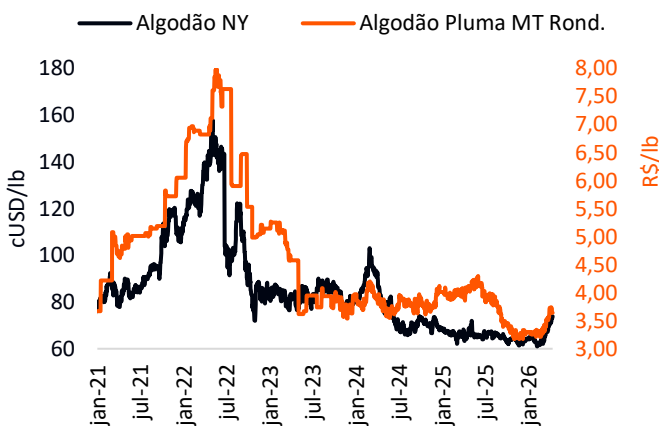
Ao longo de março e início de abril, o algodão mostrou forte recuperação dos preços, impulsionado por energia, ajuste na área americana e demanda externa aquecida, resultando em altas expressivas em Nova York e no mercado brasileiro.

Em março, o mercado internacional de algodão foi marcado por forte volatilidade em NY, refletindo a combinação entre preocupações macroeconômicas, movimentos do dólar e sinais mistos sobre a demanda global. O fortalecimento do petróleo e das commodities energéticas deu suporte às cotações, enquanto incertezas sobre o crescimento econômico mundial, especialmente na Ásia, limitaram movimentos de alta. O relatório de intenção de plantio do USDA indicou redução de área nos EUA para a safra 2026/27, o que trouxe viés construtivo ao balanço de oferta no médio prazo. Em março a fibra avançou 6% ante fevereiro e, na primeira quinzena de abril, avanço adicional de 7,6%, rompendo a barreira dos USDc 70/lb e atingindo USDc 71,4/lb.

No Brasil, março foi caracterizado por preços firmes, sustentados tanto pelo movimento externo quanto pela menor disposição de venda dos produtores, já concentrados nas atividades de colheita e comercialização de outras culturas. O bom ritmo das exportações brasileiras seguiu funcionando como importante elemento de sustentação, apesar do aumento dos custos logísticos e das incertezas no cenário internacional. Em março, a pluma alcançou média de R\$ 3,45/lb em Rondonópolis, alta de 5,4% ante fevereiro e, em abril, o movimento de valorização do mercado doméstico seguiu, acompanhando o mercado externo. Na primeira metade de abril, o algodão na mesma praça acumulou ganho de 7,7%, para R\$ 3,7/lb.

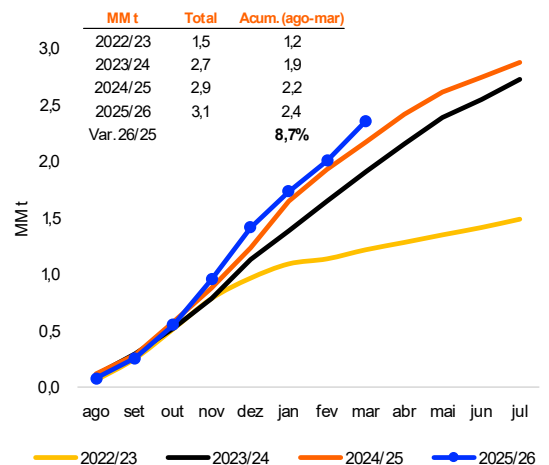
As exportações seguiram em ritmo recorde, atingindo 2,4 MM t embarcadas entre agosto e março. O volume é 8,7% superior ao enviado no mesmo período da safra passada e sustenta a projeção de exportações recorde esse ano, projetadas em 3,1 MM t. A boa demanda externa tem ajudado a sustentar o prêmio do algodão brasileiro, que seguiu positivo em março.

Preços do algodão em NY e em Rondonópolis



Fonte: NYOT, Eikon

Evolução as exportações de algodão, MM t



Fonte: Secex

Mercado seguirá atento ao plantio americano e aos movimentos do petróleo

Apesar da maior área prevista, o mercado de algodão deverá acompanhar de perto o clima nos EUA, especialmente no Texas. A dependência do petróleo e a possibilidade de safra menor no Brasil mantêm o viés de atenção nos preços.

Apesar da área de algodão para 2026/27 maior no relatório de intenção de plantio, em relação à safra 2025/26, o mercado passará a monitorar a partir de agora o plantio nos EUA e as condições climáticas para o desenvolvimento da safra. Em março, o USDA trouxe área de plantio de algodão para 2026/27 em 3,9 MM ha versus 3,8 MM ha na safra 2025/26 (+4%), no entanto, o clima seco nos EUA nas áreas de produção da pluma chama a atenção. No Texas, maior produtor, cerca de 97% das áreas produtoras do estado se encontram sob alguma condição de seca nesse momento, segundo o USDA. Esse clima mais seco nos EUA pode interferir no andamento da semeadura e afetar o potencial produtivo das lavouras. Além do Texas, as áreas produtoras do Sudoeste do país também apresentam déficit hídrico intenso.

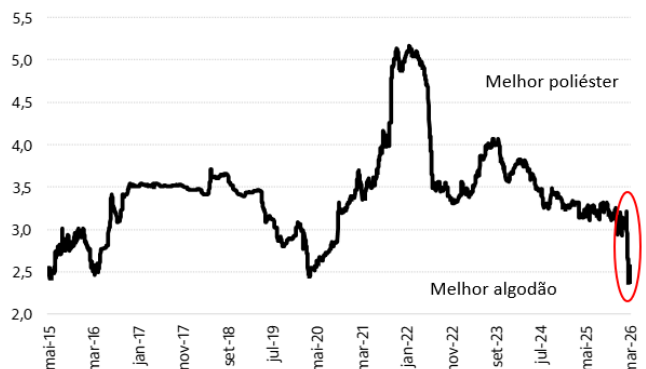
O mercado de algodão seguirá atento também à situação no Estreito de Ormuz e às negociações em andamento visando restabelecer a normalidade do fluxo de petróleo na região. Vale destacar que parte da alta observada para a pluma no último mês e meio está diretamente ligada à valorização do petróleo e à perda de competitividade da fibra sintética frente à natural. Caso uma normalização gradual no Estreito se reflita em recuo do petróleo e do poliéster (principal concorrente), o algodão pode voltar a registrar queda das cotações.

A safra de algodão 2025/26 do Brasil segue com boas perspectivas de produção, diante da recuperação das lavouras após o excesso de chuvas no Centro-Oeste e do ótimo desenvolvimento em estados como BA e MS. Contudo, vale ressaltar que a projeção para a colheita é cerca de 7% menor, para 3,8 MM t de pluma, diante da redução da área plantada e produtividade inferior à safra 2024/25.

Balanco global de O&D de algodão

MMt	2022/23	2023/24	2024/25	2025/26	Var.
Estoque Inicial	15,5	16,5	16,0	16,1	1%
Produção	25,2	24,4	26,0	26,5	2%
EUA	3,1	2,6	3,1	3,0	-3%
Brasil	2,6	3,2	3,7	4,2	15%
China	6,7	6,0	7,0	7,8	12%
Índia	5,7	5,5	5,2	5,2	-1%
Paquistão	0,8	1,5	1,1	1,2	6%
Outros	6,3	5,6	5,9	5,1	-13%
Consumo	24,5	25,0	26,0	25,9	0%
Estoque Final	16,5	16,0	16,1	16,8	4%
E/C	67%	64%	62%	65%	

Relação de preços entre algodão e poliéster na China



Março consolidou reação dos preços do arroz

O mercado de arroz encerrou março em trajetória de valorização, apoiada pela postura defensiva dos produtores e pela demanda externa aquecida, enquanto o cenário global seguiu indicando oferta elevada e balanço confortável.

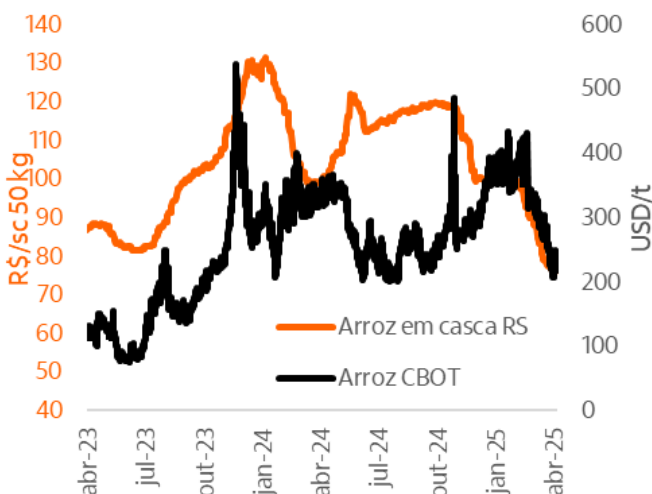
O mercado de arroz encerrou março com alta nos preços. O Indicador CEPEA IRGA RS registrou média de R\$ 58,8/sc de 50 kg no Rio Grande do Sul, avanço de 7,4% frente a fev/26. Nos primeiros dias de abril, o mercado manteve essa tendência e, no dia 09/04, fechou a R\$ 62,50/sc de 50 kg. Mesmo com o início da safra, os preços seguiram o movimento de valorização iniciado em fevereiro, após um longo período de pressão observado desde o começo da safra passada. Esse movimento esteve associado, principalmente, a uma postura retraída por parte dos vendedores.

As negociações no mercado interno permaneceram lentas ao longo do período, refletindo um ambiente de baixa liquidez. Os produtores seguem adotando uma postura defensiva, diante de preços ainda abaixo das expectativas. Nesse contexto, os valores passaram a se direcionar para a paridade de exportação, que tem servido como principal referência para o mercado doméstico.

As exportações continuaram alcançando patamares elevados para o período, impulsionadas por uma demanda externa aquecida. A recomendação é aproveitar a janela do primeiro semestre, uma vez que a entrada da oferta asiática tende a se intensificar no segundo semestre, o que pode impor maior pressão sobre os preços.

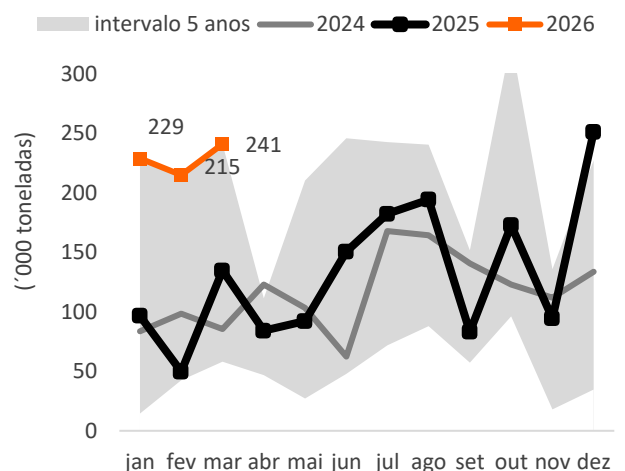
No mercado internacional, o preço do arroz na CBOT também apresentou alta, com valorização de 2,6% em relação ao mês anterior, embora permaneça 18% abaixo do observado no mesmo período do ano passado, encerrando o mês cotado a USD 11,35/cwt. O movimento de alta encontra sustentação nos riscos geopolíticos, diante da escalada da guerra no Oriente Médio. Por outro lado, os fundamentos continuam indicando oferta global elevada e um balanço confortável na safra 2025/26, o que tende a limitar avanços mais expressivos nos preços.

Preços de arroz em casca no Brasil e EUA



Fonte: Cepea, CME

Evolução das exportações brasileiras de arroz (base casca)



Fonte: Secex



Menor produção na safra 2025/26, mas balanço ainda confortável

A safra 2025/26 avança com atraso e menor área, limitando a produção. Ainda assim, estoques elevados mantêm o mercado abastecido. Dinâmica do mercado segue dependente do escoamento nos próximos meses.

A colheita da safra 2025/26 alcançou 55% no Brasil até 04 de abril, mantendo atraso em relação ao ciclo anterior, quando esse percentual era de 62%. No Rio Grande do Sul, principal estado produtor, o avanço dos trabalhos atingiu 55%, segundo a Conab, também abaixo do ritmo observado na safra passada, quando a colheita alcançava 65% no mesmo período. A temporada atual registra área 12% inferior à anterior, refletindo o ajuste estrutural observado nos últimos ciclos. As produtividades têm sido avaliadas como boas na média, porém inferiores ao desempenho registrado em 2026/27, o que leva a uma produção estimada em 11 MM t.

Apesar da menor produção, o impacto sobre o balanço doméstico tende a ser limitado. A redução da oferta contribui para aliviar parcialmente o mercado, mas o cenário permanece influenciado pelo elevado estoque de passagem da safra 2024/25, estimado acima de 2 MM t, o que mantém o abastecimento confortável. Esse volume deve restringir uma reação mais consistente dos preços no curto prazo. Assim, a dinâmica do mercado interno segue fortemente dependente do ritmo de escoamento, especialmente das exportações, e do comportamento da demanda ao longo dos próximos meses.

No comércio exterior, cresce a preocupação com a concentração das exportações no próximo semestre, diante da entrada da safra asiática e do avanço da colheita nos Estados Unidos, fatores que podem reduzir os envios do arroz brasileiro. Em contrapartida, a queda expressiva da área cultivada nos EUA surge como um vetor altista relevante, com potencial para limitar a oferta exportável norte americana. Ainda assim, no panorama global, o balanço permanece folgado, com estoques elevados, o que deve continuar restringindo movimentos mais expressivos de alta no mercado internacional no curto prazo.

Balanço global de oferta e demanda de arroz | Balanço de oferta e demanda - BR

MM t	2023/24	2024/25	2025/26	Var.
Estoque Inicial	181	180	191	6%
Produção	524	542	541	0%
China	145	145	146	1%
Índia	138	150	152	1%
Bangladesh	37	37	38	3%
Indonésia	33	34	34	-1%
Vietnã	27	27	26	-3%
Tailândia	20	21	20	-2%
Burma	12	12	12	1%
Filipinas	12	12	12	-1%
Japão	7	7	8	3%
Brasil	7	9	8	-12%
Outros	85	88	86	-2%
Consumo	521	527	538	2%
Estoque Final	180	191	191	0%
E/C	35%	36%	35%	

Arroz (MM t)	2023/24	2024/25	2025/26	Var
Estoque Inicial	408	497	2.455	394%
Produção	10.577	12.758	11.061	-13%
Importação	1.422	1.400	1.400	0%
Oferta	12.406	14.655	14.916	2%
Exportação	1.362	1.700	2.100	24%
Consumo	10.547	10.500	10.800	3%
Estoque Final	497	2.455	2.016	-18%
E/C	5%	23%	19%	-20%





Preços do trigo avançaram com entressafra e suporte externo

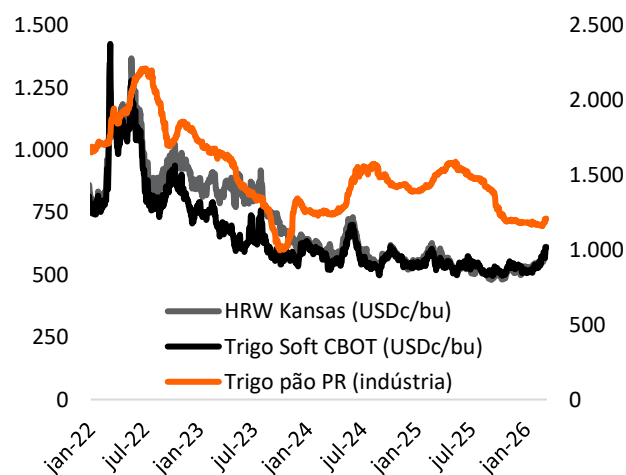
Março foi marcado por valorização do trigo no Brasil e no mercado internacional, com suporte da restrição de oferta, da volatilidade climática e da sinalização de redução de área pelo USDA, fatores que sustentaram as cotações no curto prazo.

No mercado doméstico, os preços do trigo encerraram março a R\$ 63/sc de 60 kg no Paraná, alta de 3,4% em relação a fevereiro. Nos primeiros dias de abril, o movimento de valorização ganhou intensidade, com média parcial de R\$ 66/sc, refletindo a restrição de oferta característica do período de entressafra. Com estoques mais ajustados e menor disponibilidade de produto no mercado interno, as cotações passaram a se orientar de forma mais clara pela paridade de exportação, o que limitou um avanço mais consistente da demanda doméstica. Adicionalmente, o fortalecimento das referências externas contribuiu para a sustentação dos preços internos, reduzindo o espaço para movimentos de correção no curto prazo.

No mercado internacional, as cotações do trigo apresentaram elevada volatilidade ao longo do mês, influenciadas principalmente por fatores climáticos e por ajustes nas expectativas de oferta global. O primeiro vencimento do trigo soft na CBOT oscilou entre USDc 572/bu e USDc 635/bu, encerrando março a USDc 616/bu, alta de 4% frente ao final de fevereiro. O principal fator de sustentação das cotações foi a preocupação com o clima seco sobre as lavouras de trigo de inverno no Hemisfério Norte, o que elevou a percepção de risco produtivo e aumentou a sensibilidade do mercado a novas informações climáticas.

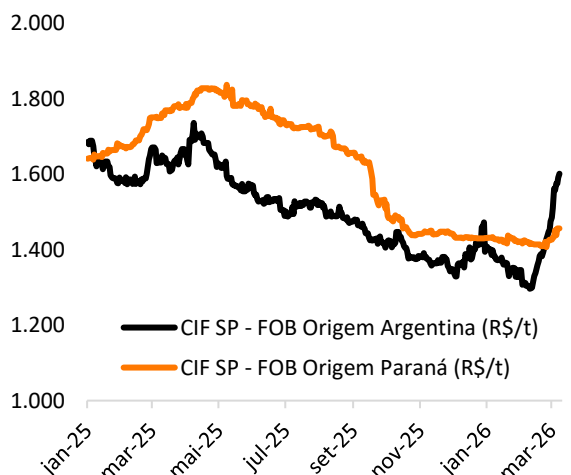
Ao final do mês, o mercado contou com suporte adicional após a divulgação do relatório do USDA, que apontou redução de área cultivada, reforçando a perspectiva de uma safra menor em 2026/27. Esse conjunto de fatores manteve o mercado atento a revisões de oferta e a notícias relacionadas ao clima, ampliando a volatilidade das cotações e fortalecendo o viés altista no curto prazo, com reflexos diretos sobre o processo de formação de preços no mercado brasileiro.

Preços de trigo no mercado doméstico e internacional



Fonte: Cepea, Eikon

Paridade de importação de trigo (CIF SP) - R\$/ton



Fonte: Itaú BBA



Relação de troca piorando desafia decisão de plantio para 2026/27

A safra 2026/27 tende a enfrentar margens pressionadas, custos elevados e recuo de área plantada, com produtores mais cautelosos. A volatilidade internacional e o balanço global seguirão determinantes para a formação de preços no mercado doméstico.

A próxima safra 2026/27 se desenha com riscos relevantes, sobretudo em função das margens apertadas para o produtor, pressionadas pelo aumento dos custos de produção, em especial diante do conflito no Oriente Médio. Considerando os níveis atuais de preços agrícolas, a relação de troca atingiu patamares historicamente desfavoráveis, com destaque para insumos nitrogenados e fosfatados, mais diretamente impactados pelo contexto geopolítico internacional. O aumento da probabilidade do El Niño também é um risco adicional, ao mesmo tempo que reduz chances de geadas fortes, mas eleva umidade na colheita e pode afetar qualidade. Nesse ambiente, a tomada de decisão tende a ser mais cautelosa.

A estimativa inicial da Conab para 2026 aponta redução da área nacional plantada para 2,3 MM ha, queda de cerca de 128 mil ha, ficando 5,2% abaixo da safra 2025/26, o que configura o terceiro recuo consecutivo da área cultivada. Em relação a 2023, a retração acumulada já alcança 33%, evidenciando um ajuste estrutural da cultura. Não se descarta a possibilidade de novas revisões negativas, uma vez que parte dos produtores segue postergando a decisão e aquisição de insumos, em meio a incertezas.

No ambiente externo, a perspectiva é de manutenção de elevada volatilidade, com o mercado atento à evolução do plantio e às condições climáticas das safras de inverno no Hemisfério Norte, além do comportamento dos preços internacionais e da taxa de câmbio. A interação desses fatores deverá continuar influenciando o processo de formação de preços no mercado doméstico. Um eventual balanço global mais ajustado pode contribuir para aliviar a oferta interna e oferecer maior sustentação às cotações, embora o cenário ainda exija atenção redobrada aos riscos produtivos e financeiros ao longo da safra 2026/27.

Balanço O&D global

MM t	2023/24	2024/25	2025/26	Var.
Estoque Inicial	275	269	260	-4%
Produção	791	800	842	5%
EUA	49	54	54	0%
UE	135	122	144	18%
China	137	140	140	0%
Índia	111	113	118	4%
Rússia	92	82	90	10%
Austrália	26	34	36	6%
Canadá	33	36	40	11%
Ucrânia	23	23	24	3%
Argentina	16	19	28	50%
Brasil	8	8	8	1%
Outros	162	170	161	-5%
Consumo	799	801	821	2%
Estoque Final	267	260	277	7%
E/C	33%	32%	34%	

Fonte: USDA

Balanço O&D Brasil

	2024	2025	2026	%
Estoque Inicial	523	1.471	2.314	57%
Produção	7.889	7.873	6.905	-12%
Importação	6.822	6.821	6.716	-2%
Oferta	15.234	16.165	15.934	-1%
Exportação	1.873	1.960	2.012	3%
Consumo	11.891	11.891	11.813	-1%
Estoque Final	1.471	2.314	2.110	-9%
E/C	12%	19%	18%	-8%

Fonte: Conab



Demanda externa e oferta menor sustentaram preços

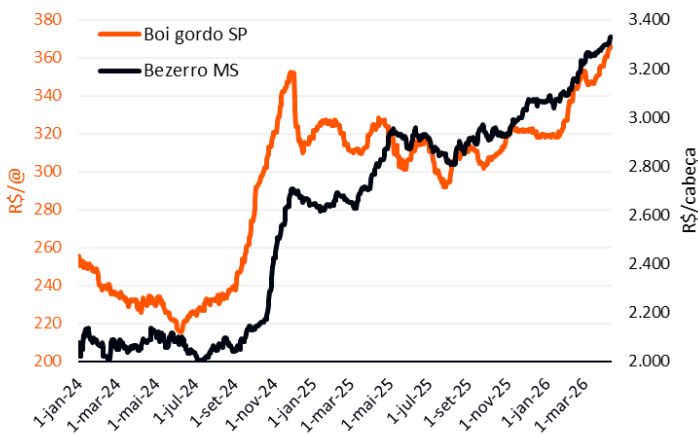
O primeiro trimestre de 2026 foi marcado por forte valorização do boi gordo, apoiada no avanço das exportações e na menor oferta de fêmeas, além de um mercado de reposição aquecido, com o boi subindo estimulando a demanda por bezerros.

O preço do boi gordo manteve trajetória de alta em março, com a média mensal atingindo R\$ 350/@. Na média parcial de abril, referente ao primeiro decêndio, o valor avançou para R\$ 362/@, com o animal negociado na última sexta feira a R\$ 365,50/@. O viés altista do mercado segue sustentado, pelo lado da demanda, pelo forte fluxo de exportações e, do lado da oferta, por uma moderação na disponibilidade de gado para abate, sobretudo de fêmeas, em relação ao mesmo período do ano anterior. Dados preliminares indicam que o total de bovinos abatidos foi 2% menor no 1ºT 26/25, resultado de aumento de 1% no abate de machos e redução de 6% no total de fêmeas.

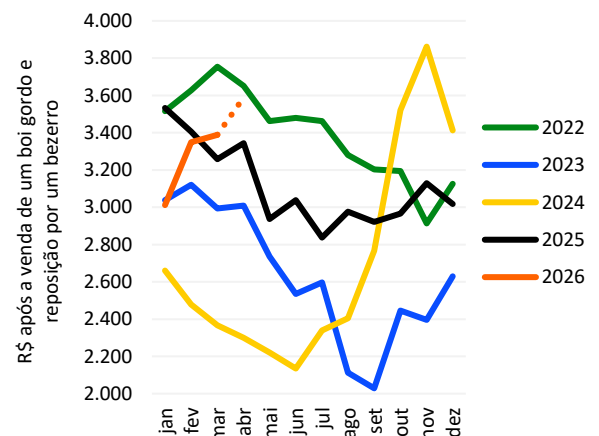
No mercado de reposição, o bezerro em MS registrou alta de 3,4% em março, superando a valorização do boi gordo, ainda que com avanço um pouco mais moderado na parcial de abril. Apesar de a relação de troca permanecer pressionada, em torno de 2,2 bezerros por boi vendido, patamar semelhante ao observado há um ano, a margem da reposição (quanto sobra após vender um boi gordo e repor um bezerro) segue atrativa. Na parcial de abril foi de cerca de R\$ 3.600, o que estimula a reposição por parte do recriador e sustenta a alta do bezerro.

As exportações de carne bovina *in natura* somaram 234 mil t em março, estabelecendo recorde para o mês e crescimento de 8,7% em relação a mar/25. No acumulado do 1ºT 26, a expansão alcançou 19,7%. Além do volume, o preço médio *in natura* avançou 3,1% frente a fev/26. A China liderou os embarques em março, com 102 mil t, alta de 6% ante mar/25. No trimestre, os volumes destinados ao país cresceram 16% e, embora a China responda por 46% da carne *in natura* exportada, também se observam fortes avanços em outros destinos relevantes, como EUA (28%), Chile (29%), Rússia (96%), Egito (84%), México (38%), Filipinas (27%) e Emirados Árabes (94%), entre outros.

Preços do boi gordo SP e bezerro MS



Margem da reposição





Cenário favorável segue, embora com desafios no horizonte

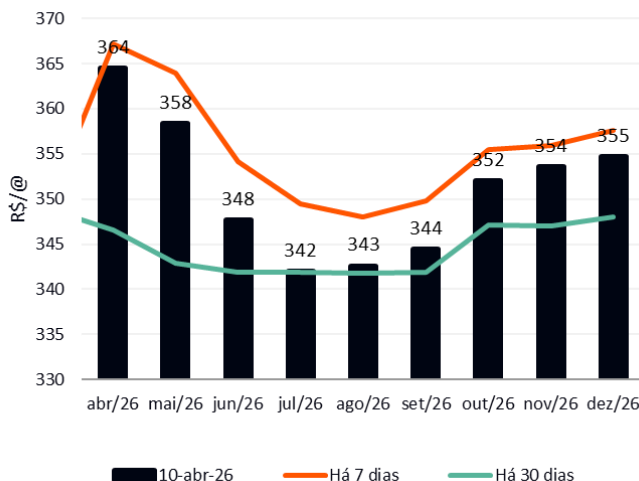
Para os próximos meses, a firmeza no físico, a oferta mais curta de fêmeas e a diversificação das exportações indicam sustentação dos preços, embora riscos como reposição mais cara, sazonalidade da oferta e incertezas externas exijam cautela.

Com a firmeza dos preços no físico, a curva futura apresentou forte elevação nos últimos trinta dias, sobretudo nos vencimentos mais curtos, como abril, com alta de R\$ 18/@, e maio, com avanço de R\$ 16/@, o que tem oferecido oportunidades de hedge ao produtor em níveis interessantes. Por outro lado, os contratos entre junho e setembro mostraram evolução mais limitada e indicam preços menores que hoje. Ao ritmo atual de crescimento dos envios para a China (17% no 1ºT 26/25) a cota de 1,1 MM t será atingida por volta de agosto. Para que termine antes, o crescimento teria que ser substancialmente maior. Porém, nos últimos dois meses do ano, as compras para o preenchimento da cota chinesa de 2027 tendem a ser retomadas.

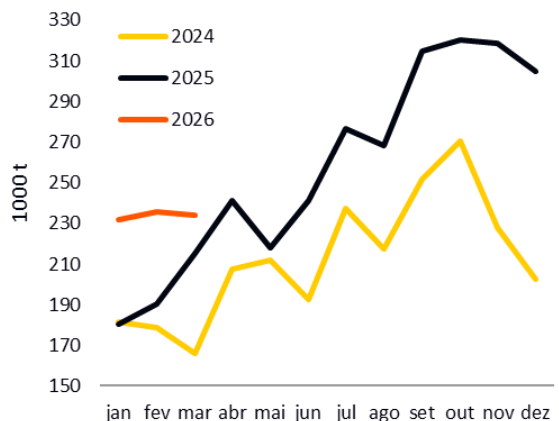
O fluxo positivo de exportações para diversos países deve ajudar a mitigar uma eventual redução temporária da demanda chinesa, ainda que a representatividade do gigante asiático permaneça elevada. Do ponto de vista estrutural, o cenário da pecuária continua favorável aos produtores, com viés de continuidade das altas, sustentado pela tendência de moderação da oferta de fêmeas para abate. Ainda assim, é importante manter atenção aos riscos ao longo do percurso e o primeiro deles é o encarecimento da reposição, que passa a exigir um boi gordo cada vez mais valorizado mais adiante.

No mercado interno, a Copa do Mundo de futebol no meio do ano tende a favorecer o consumo, mas a elevação dos preços da carne bovina e sua desvantagem relativa frente ao frango atuam no sentido oposto. Além disso, nos próximos meses, a oferta de gado deve aumentar sazonalmente, embora os abates possam continuar menores do que no ano passado.

Curva futura do boi gordo



Exportações de carne bovina *in natura*





Exportações sustentaram o frango em cenário desafiador

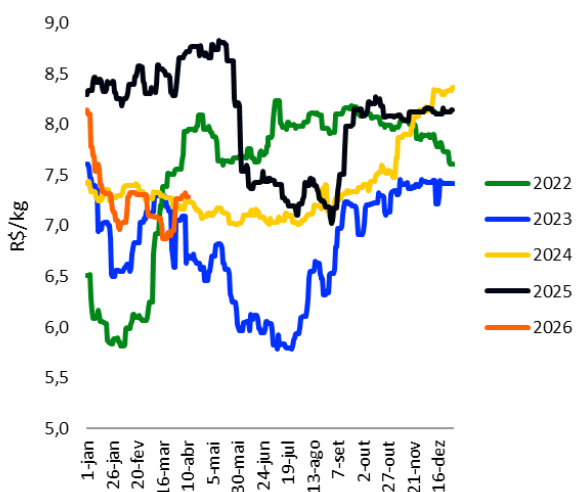
O mês de março foi marcado por queda dos preços do frango, aumento da competitividade frente às demais proteínas, avanço das exportações apesar dos desafios logísticos e crescimento moderado da oferta, mantendo equilíbrio no mercado interno.

O preço do frango inteiro congelado em São Paulo voltou a recuar em março, para R\$ 7/kg, ficando 2,4% abaixo de fevereiro e 17% inferior há um ano. No entanto, no primeiro decêndio de abril, as cotações reagiram para R\$ 7,25/kg, sinalizando recuperação. Com a desvalorização da ave desde o começo do ano e a carne bovina seguindo em trajetória oposta, a competitividade do frango se ampliou para mais de 3 kg de frango/kg de dianteiro bovino, patamar cerca de 30% acima da média histórica para março e superior à máxima dos últimos cinco anos, de 2,75 kg, registrada em 2021. Já em relação à carne suína, que também apresentou queda relevante neste ano, a relação permanece próxima da média histórica, em torno de 1,3 kg de frango por kg de suíno.

Março foi um mês positivo para as exportações brasileiras de carne de frango, apesar das complicações decorrentes do conflito no Oriente Médio, que afetaram os envios para a região. Foram exportadas 431 mil t *in natura*, alta de 5,6% em relação a mar/25 e de 4,9% no acumulado do primeiro trimestre frente ao 1T 25. Por outro lado, o preço médio de embarque recuou 2,7% frente ao mês anterior, possivelmente como estratégia para redirecionar cargas que originalmente tinham os países do Oriente Médio como destino, em especial os Emirados Árabes, um dos principais mercados da região. Ainda assim, o bom desempenho de destinos como Japão, China, Filipinas e África do Sul mais que compensou a retração observada no Oriente Médio.

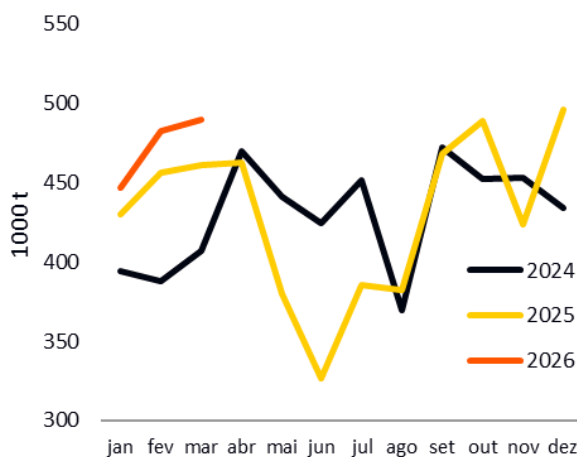
Pelo lado da oferta, estimamos que os abates de frango tenham sido 3% maiores no comparativo mar26/25 e 2% superiores no 1T 26/25. Contudo, apesar dos preços mais baixos no mercado interno neste ano, e considerando o aumento das exportações totais de carne de frango no período, de 5,4%, não observamos sinais de sobreoferta no mercado doméstico.

Preços do frango inteiro congelado - SP



Fonte: Cepea

Exportações de carne de frango *in natura* e industrializada



Fonte: Secex



Avicultura brasileira enfrenta riscos, mas mantém resiliência

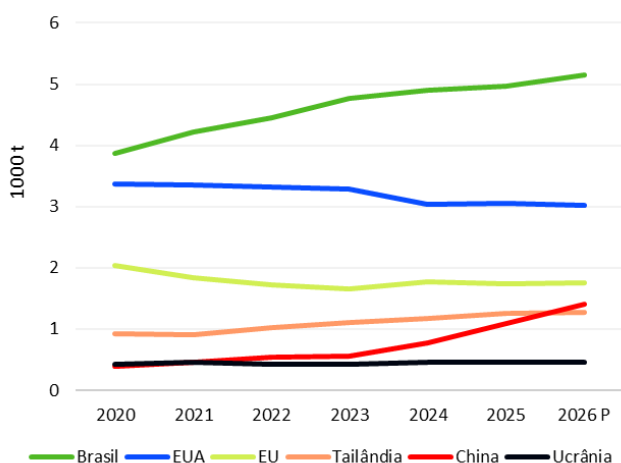
O cenário adiante sugere menor probabilidade de novas quedas nos preços do frango no Brasil, com a competitividade frente à carne bovina, mas riscos do lado da exposição logística ao Estreito de Ormuz e nos custos dada a dependência do clima para a consolidação da safrinha.

Na revisão de abril das projeções de oferta e demanda de carnes divulgada pelo USDA na última semana, a produção chinesa de carne de frango foi elevada em 600 mil t, passando a registrar crescimento anual de 4,8%, o maior do mundo, com expansão de +800 mil t em relação a 2025, totalizando 17,3 MM t. Caso se confirme, a China se consolidará como o segundo maior produtor global, atrás apenas dos EUA, ampliando a diferença frente ao Brasil, cuja produção deve crescer 2,3% em 2026, para 15,8 MM t. Entre os exportadores, chama a atenção o crescimento de 29% das exportações chinesas, que devem alcançar 1,4 MM t neste ano, superando a Tailândia e consolidando o país asiático na quarta posição entre os exportadores globais.

No Brasil, mesmo com os custos de ração controlados, os preços mais baixos da carne de frango voltaram a moderar o spread da avicultura no mercado interno em março. Ainda assim, o cenário segue positivo para o setor, uma vez que a demanda externa tem permanecido resiliente, mesmo diante das dificuldades e da elevação dos custos logísticos como reflexo do conflito no Golfo Persico. A proteína avícola seguirá altamente competitiva frente a carne bovina, dado que não há expectativa de alívio de preços pecuários.

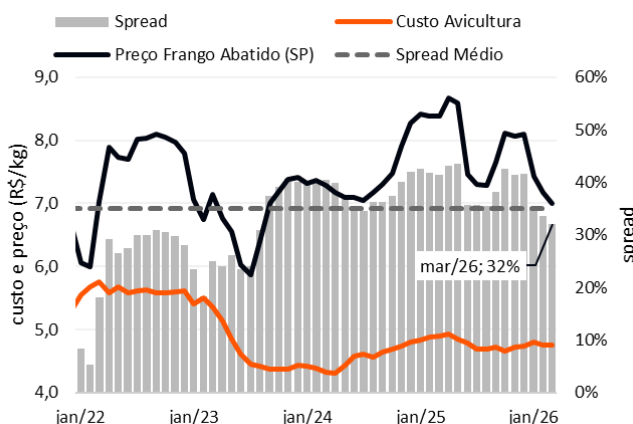
Com o spread em patamar mais estreito, vemos pouco espaço para reduções adicionais dos preços da carne, mesmo em um cenário hipotético de enfraquecimento das exportações. Esse risco ocorre em um contexto de elevada turbulência logística associada ao Estreito de Ormuz, região à qual a carne de frango é a proteína brasileira mais exposta. Soma-se a esse quadro a incerteza ainda presente em relação à safrinha de milho, que depende da manutenção das chuvas na segunda quinzena de abril e, em algumas regiões, também em maio, para a consolidação do potencial produtivo.

Exportações globais de carne de frango



Fonte: USDA

Custo, preço e spread do frango abatido



Fonte: Embrapa, Deral, Itaú BBA



Preços cederam apesar do bom desempenho exportador

No período recente, a suinocultura brasileira foi marcada por preços domésticos pressionados e forte compressão do spread, em contraste com exportações recordes e crescimento da oferta.

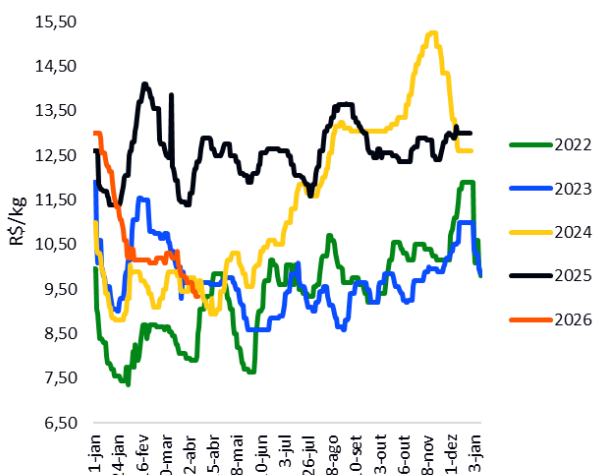
Os preços do suíno vivo em SP ficaram praticamente estáveis em março, com variação de 0,3%, e o animal sendo comercializado em torno de R\$ 6,95/kg. Já em abril, apesar do efeito sazonal normalmente positivo na primeira quinzena, associado ao pagamento de salários, as cotações recuaram 7,7%, para R\$ 6,40/kg na média do primeiro decêndio. Com isso, os preços voltaram a níveis semelhantes aos observados nos mesmos períodos de 2022, 2023 e 2024, afastando-se ainda mais dos patamares do ano passado, ficando cerca de 25% abaixo.

Sob a ótica do spread da suinocultura, o indicador se manteve em torno de 10% em março, com pouca alteração em relação a fevereiro, enquanto há um ano estava em 23%. Para abril, caso a média da primeira quinzena seja mantida na segunda, o spread deve recuar para algo próximo de 2%, o menor patamar dos últimos 34 meses, observado pela última vez em jun/23.

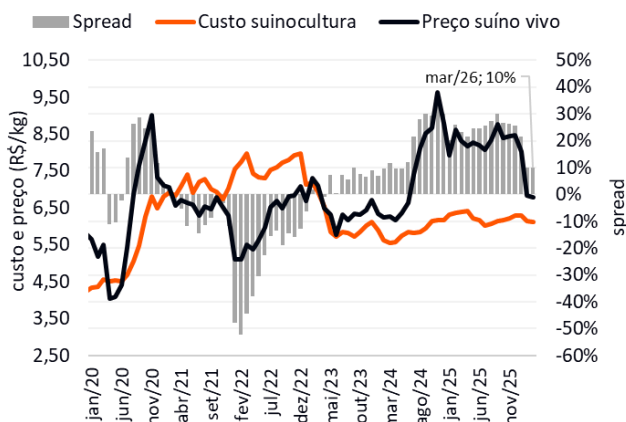
Chama a atenção o fato de que tamanha fraqueza dos preços no mercado doméstico tenha ocorrido simultaneamente a um desempenho bastante forte das exportações. Os embarques atingiram um novo recorde para um mês de março, com 132 mil t *in natura*, volume 26% superior a mar/25 e que acumula crescimento de 15% no 1ºT 26/25, resultado bastante expressivo. Filipinas e Japão seguem como os principais destaques, com altas de 74% e 60% no trimestre, respectivamente, e já respondem por 43% do total das exportações *in natura*. Em 2025, as exportações absorveram cerca de 26% da produção brasileira de carne suína.

Apesar de dados preliminares de abates inspecionados indicarem aumento de 4% no trimestre, diante do forte desempenho das exportações, estimamos que a disponibilidade interna de carne suína tenha apresentado apenas um crescimento marginal.

Preços do suíno vivo no estado de SP



Custo, preço e spread da suinocultura





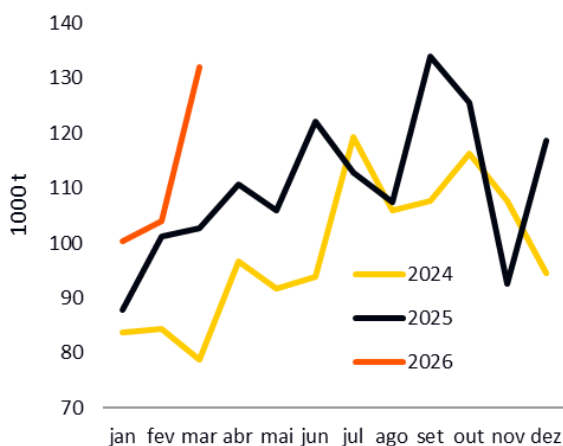
Suínocultura demanda cautela diante de spreads no limite

O cenário adiante aponta para a necessidade de maior disciplina produtiva e foco em gestão de risco, já que eventuais pressões de custos podem ocorrer em um contexto de margens estreitas, com o ajuste recente sendo impulsionado sobretudo pela queda dos preços do animal.

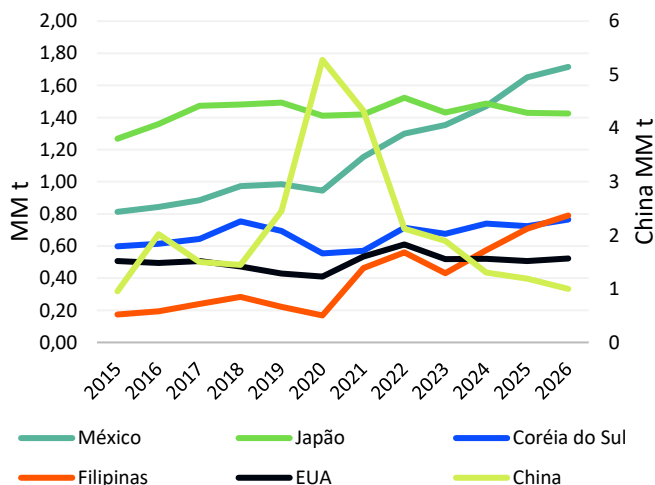
Apesar de nossa estimativa não indicar excesso de oferta no mercado interno, o cenário ideal seria uma moderação do ritmo de produção, de modo a promover um melhor equilíbrio do mercado, ainda que sejam difíceis ajustes na oferta no curto prazo. Nesse contexto, o setor produtivo, em especial o produtor independente, precisa estar preparado para um ambiente de margens mais estreitas. Chama a atenção o fato de que todo o ajuste recente de margens tem ocorrido majoritariamente em função da queda dos preços do animal, e não por pressões do lado dos custos de ração. Esse ponto merece atenção adicional, uma vez que qualquer elevação dos custos neste momento ocorreria em um cenário de spreads já bastante comprimidos. Nesse sentido, a gestão do risco de preços dos insumos da ração ganha importância central, sobretudo considerando que, no momento, o custo de proteção não embute riscos elevados de alta.

A revisão trimestral do USDA das projeções globais de O&D de carne suína trouxe novos ajustes para cima na produção chinesa de 2025 e na estimativa para 2026, agora projetada em 59,5 MM t, novo recorde e levemente superior, em cerca de 120 mil t, ao volume do ano anterior, quando o crescimento foi de 2,3 MM t. Para o Brasil, a projeção é de aumento de produção da ordem de 3,2% em 2026, alcançando 4,9 MM t, além de crescimento de 6,8% nas exportações. Já para os EUA, terceiro maior produtor e maior exportador, as estimativas também apontam expansão tanto da produção, de 1,4%, quanto das exportações, de 3,3%. O destaque negativo segue sendo a União Europeia, segundo maior produtor e exportador mundial, com projeções de queda de 1,2% na produção e de 7,6% nas exportações. Entre os importadores, o principal destaque é o México, que consolida a liderança com 1,7 MM t, ampliando a distância em relação ao Japão. A China, por sua vez, segue em trajetória oposta, com nova redução das importações, agora estimadas em 1 MM t, recuo de 15,8%.

Exportações de carne suína *in natura*



Importação global de carne suína





Curto prazo sustentado no arábica e pressão no robusta

No período recente, o mercado de café refletiu o aperto de oferta do arábica no curto prazo, com preços sustentados, enquanto o robusta perdeu força diante da colheita em andamento, pressionando o conilon e ampliando o deságio frente ao arábica.

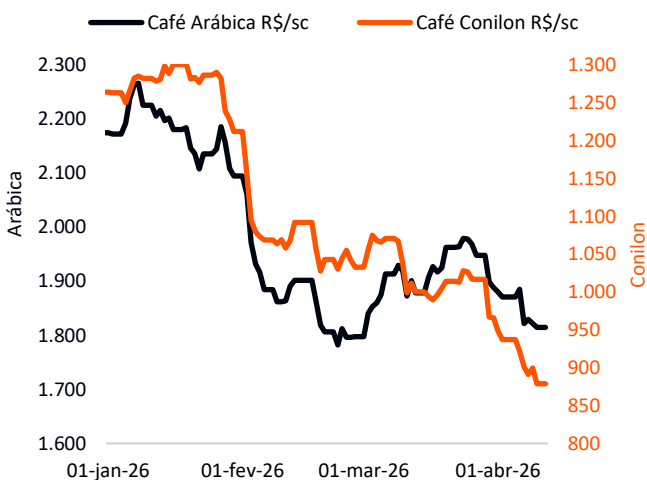
O contrato mai/26 do café arábica em NY oscilou bastante entre o início de março e 10/abr, encerrando o período com alta de 5,4%, aos USD 3/lp, após ter alcançado os USD 3,18/lp há poucos dias, em meio à turbulência nos mercados de energia decorrente da guerra no Oriente Médio. Ainda assim, os vencimentos futuros a partir de dez/26 recuaram nesse mesmo intervalo, em linha com um cenário de oferta apertada de arábica no curto prazo, mas com perspectivas mais favoráveis para o final do ano, quando o Brasil deverá estar com os armazéns mais abastecidos.

Cabe dizer que parte da sustentação dos vencimentos mais curtos guarda relação com a apreciação do real, que nos últimos dez dias passou a testar patamares mais baixos, recuando para a casa dos R\$ 5/USD, movimento que atua como um fator de apoio às cotações em NY.

Já o mesmo vencimento do café robusta em Londres acumulou queda de 12% desde o início de março, sendo negociado em 10/abr a USD 3.324/t e, por consequência, pressionando o indicador do conilon no Brasil, que recuou para R\$ 880/saca, valor 52% inferior ao preço do café arábica, cotado a R\$ 1.815/sc. Com a colheita 2026/27 do conilon já em andamento e com o produtor ainda detendo café remanescente da safra 2025/26, o cenário é distinto em relação ao arábica, o que tem adicionado pressão a esse mercado, apesar do elevado deságio frente ao café arábica.

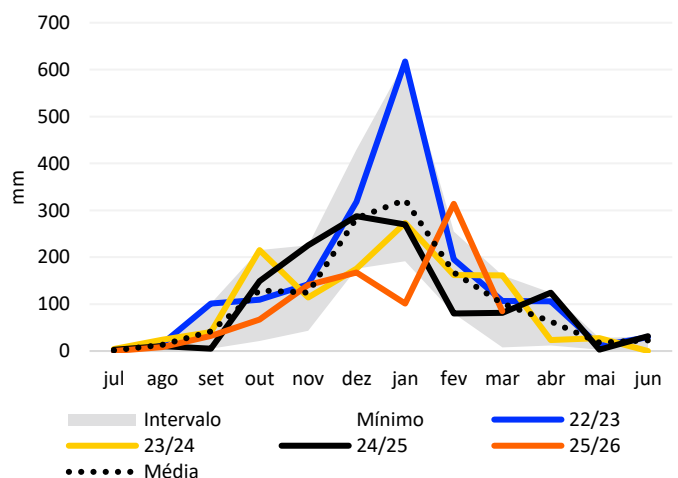
De modo geral, as condições climáticas, com chuvas e temperaturas adequadas, nas áreas cafeeiras brasileiras têm sido favoráveis nos últimos dois meses, contribuindo para a granação da safra 2026/27 e para o desenvolvimento vegetativo da safra 2027/28, ajudando a construir uma base mais sólida para a produção do ano seguinte.

Preços de café arábica e robusta no Brasil



Fonte: Cepea

Precipitação em Varginha - MG



Fonte: Somar

Café deve transitar do aperto atual para maior acomodação

O avanço da safra brasileira 2026/27 projeta um segundo semestre mais confortável do lado da oferta, com potencial de alívio nos preços mais adiante, embora o curto prazo siga sensível à disponibilidade de arábica, ao comportamento cambial e aos riscos climáticos.

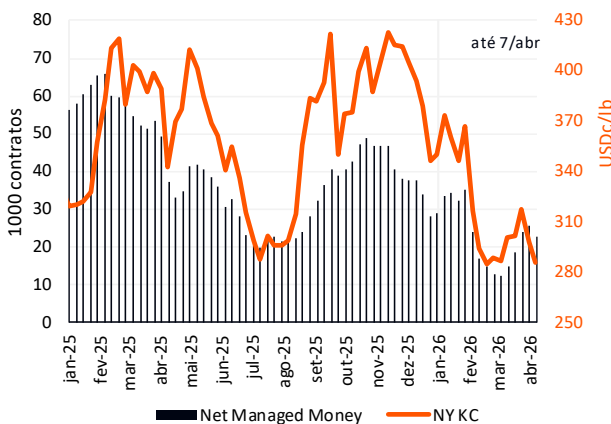
Elevamos nossa estimativa para a safra brasileira 2026/27 de 69,3 para 72,5 MM de sacas, com ajuste concentrado sobretudo no café arábica, cuja produção foi revisada em +2,7 MM scs, para 47,5 MM scs. Para o robusta, projetamos 25 MM scs, alta de +0,5 MM scs em relação à nossa estimativa de janeiro. Com esses ajustes, a produção de arábica deverá crescer 25% frente à safra 2025/26, enquanto o total colhido avança 15%, considerando a expectativa de estabilidade para a produção de robusta. Além disso, assumindo um aumento de 2% na produção dos demais países produtores e mantendo o crescimento médio anual do consumo global estimado pelo USDA em 1,3%, o superávit entre produção e consumo global deve se ampliar de 5 MM de scs para 14,5 MM de scs.

Apesar do cenário mais favorável projetado para o segundo semestre, em função da expansão da safra brasileira 2026/27, a baixa disponibilidade de arábica no curto prazo tende a manter os vencimentos mais curtos sustentados. Cabe atenção à possibilidade de consolidação do *El Niño* nos próximos meses, o que, embora em tese esteja associado a uma menor probabilidade de ocorrência de geadas, não elimina totalmente esse risco. No Brasil, o fenômeno tende a estar ligado a um inverno mais úmido e menos frio, enquanto nos principais países produtores asiáticos, como Vietnã e Indonésia, está historicamente associado a anos mais secos.

Embora os riscos climáticos sigam presentes e possam impactar a produção do próximo ciclo, entendemos que este é um momento oportuno para o produtor buscar proteção contra eventuais reduções adicionais das cotações, especialmente no caso do café arábica. A relação de preços frente ao robusta permanece bastante favorável, o que a torna suscetível a ajustes à medida que a oferta brasileira comece a se normalizar.



Posicionamento dos fundos não comerciais (NY)



Fonte: CFTC

Balanço global de O&D de café

MM scs	2024/25 (a)	2025/26 (b)	Itaú BBA 2026/27 (c)	b/a	c/b
Estoque Inicial	23	21	20	-7,8%	-5,4%
Produção	175	179	191	2,0%	6,6%
Brasil	65,0	63,0	72,5	-3,1%	15,1%
Vietnã	29,0	30,8	31,4	6,2%	2,0%
Colômbia	14,8	13,8	14,1	-6,8%	2,0%
Indonésia	10,7	12,5	12,7	16,4%	2,0%
Etiópia	11,1	11,6	11,8	4,1%	2,0%
Outros	44,7	47,2	48,2	5,6%	2,0%
Consumo	172	174	176	1,3%	1,3%
Prod.-Cons.	3,8	5,0	14,5		

Fonte: USDA, Itaú BBA

Fonte: USDA, Itaú BBA



Safra de laranja 2025/26 é encerrada em 292,94 MM de caixas

Safra encerra acima do ciclo anterior, mas abaixo do potencial, pressionada por clima adverso e avanço do *greening*, enquanto o mercado interno segue sem reação apesar da valorização externa.

O Fundecitrus divulgou na sexta-feira (10/4) o fechamento da safra 2025/26 de laranja no cinturão citrícola de São Paulo e Triângulo/Sudoeste Mineiro, estimada em 292,94 milhões de caixas de 40,8 kg.

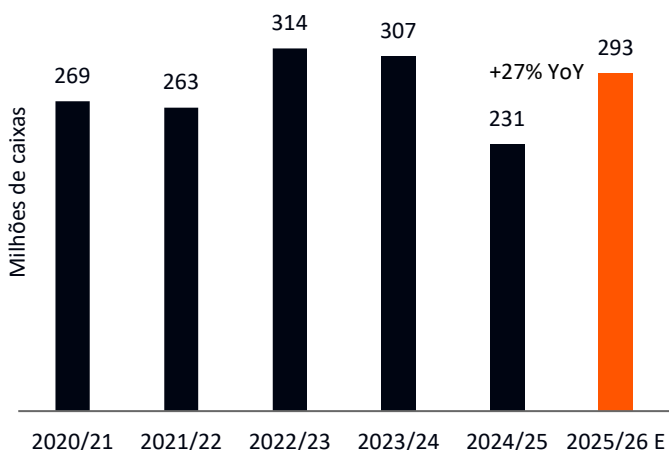
O volume ficou 27% acima do registrado em 2024/25 (230,87 milhões de caixas), mas 6,9% abaixo da projeção inicial divulgada em maio de 2025, de 314,60 milhões de caixas. O desempenho da safra foi impactado principalmente por condições climáticas adversas, com déficit hídrico ao longo do ciclo, e por fatores fitossanitários, com destaque para a elevada incidência de *greening* no cinturão.

Além disso, a colheita mais tardia, influenciada pela maior participação de frutos de segunda florada, contribuiu para a redução do peso médio dos frutos. Entre maio de 2025 e março de 2026, o volume médio acumulado de chuvas no cinturão foi de 1.135 mm, 13% abaixo da média histórica (1991–2020).

O *greening* é outro fator impactante. Cerca de 56% da queda total de frutos prematuros ocorreu por conta da doença, o que corresponde a 49,6 MM de caixas que, aos preços atuais da caixa de 40,8 kg posta à indústria, de R\$ 28,3, informados pelo Cepea, equivalem a aproximadamente R\$ 1,4 bilhão em laranjas que caíram precocemente e não serão comercializadas.

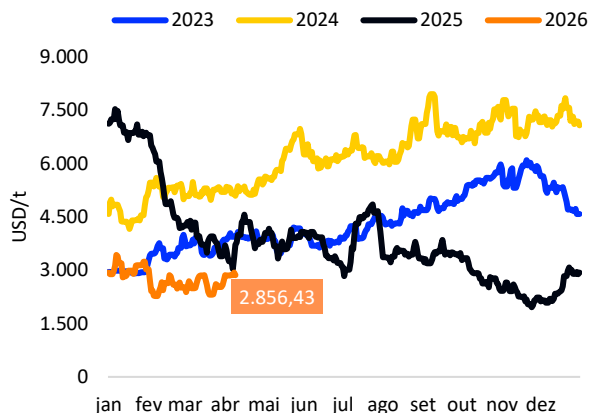
Em NY, os preços do suco de laranja subiram 11% nos últimos 30 dias, para USD 2.856,4/t. No entanto, no mercado doméstico, os preços da laranja indústria não mostraram reação e na mesma comparação caíram 15%.

Estimativa da safra de laranja



Fonte: Fundecitrus

Preços do suco de laranja em NY



Fonte: ICE



Safra de laranja 2026/27 na Flórida é reestimada em 12,2 MM de caixas

Nos EUA, a oferta de laranjas mostra leve recuperação, concentrada em variedades destinadas ao consumo *in natura*, enquanto a produção de Valência segue limitada. No Brasil, o cenário para a próxima safra é mais cauteloso, diante do clima menos favorável, e da bionalidade negativa.

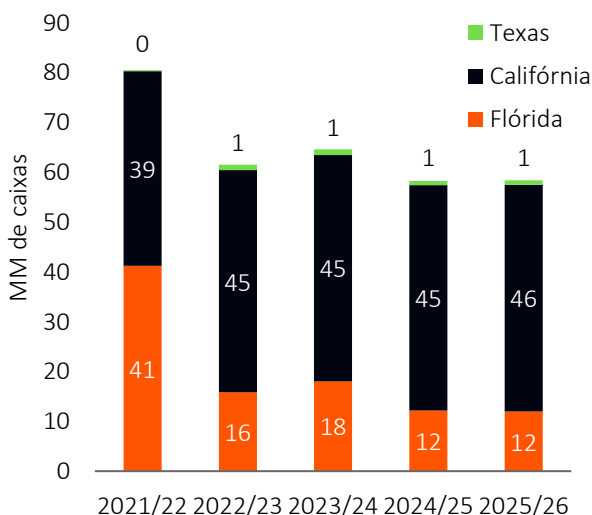
A estimativa da safra da Flórida aumentou 2% em relação à primeira projeção divulgada em janeiro de 2026 pelo USDA, para 12,2 MM de caixas, o equivalente a 20% do total de laranjas produzidas nos Estados Unidos. O aumento na produção deverá ocorrer exclusivamente pelas variedades que não são Valência, destinadas majoritariamente ao mercado de mesa, e não ao processamento industrial para a produção de suco de laranja.

Com relação à safra de laranja Valência produzida na Flórida, o volume estimado é de 7,5 MM de caixas, sem alteração em relação à primeira estimativa, porém 2,3% abaixo da safra colhida anteriormente.

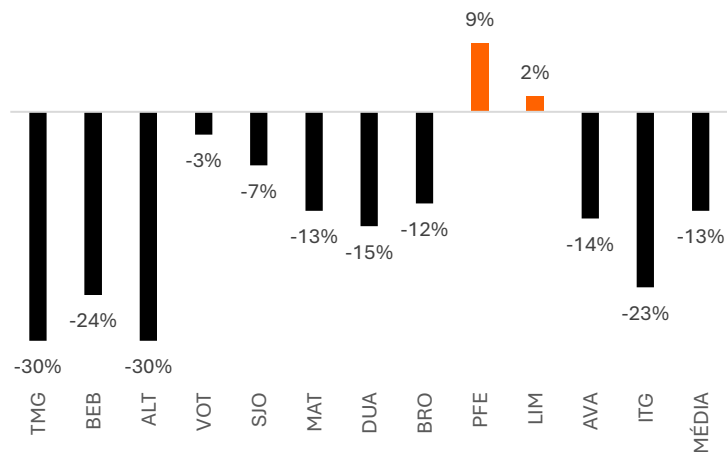
No Brasil, a primeira estimativa da safra 2026/27 será divulgada pelo Fundecitrus no dia 8 de maio. A expectativa é de que a produção seja inferior à do ciclo anterior, diante das chuvas abaixo da média no cinturão citrícola, especialmente no segundo semestre de 2026, período crítico para as floradas. Com exceção das regiões de Porto Ferreira e Limeira, todas as demais áreas do cinturão registraram volumes de chuva abaixo da média histórica.

A bionalidade negativa, característica de culturas como laranja e café, também é um fator relevante nesta safra, em função da boa produção observada no último ciclo. Outro ponto de atenção é o baixo preço da caixa de laranja, pouco remunerador, o que pode desestimular os citricultores a investir em tecnologia e tratamentos culturais, além do encarecimento dos fertilizantes nitrogenados e fosfatados e do aumento do preço do diesel, que impacta diretamente a pulverização dos pomares voltada à redução do *greening*.

Produção de laranjas nos EUA



Chuvas observadas em relação a média no cinturão citrícola



Fonte: USDA, 2025/26 = 2026/27 no Brasil

Fonte: Fundecitrus



Preços do açúcar voltaram a subir em março, após longo período de queda

O açúcar acumulou alta em março, apoiado por fatores geopolíticos e ajustes de oferta, mas voltou a ceder em abril com a queda do petróleo. Apesar do suporte técnico, a leitura de balanço confortável limitou movimentos mais expressivos.

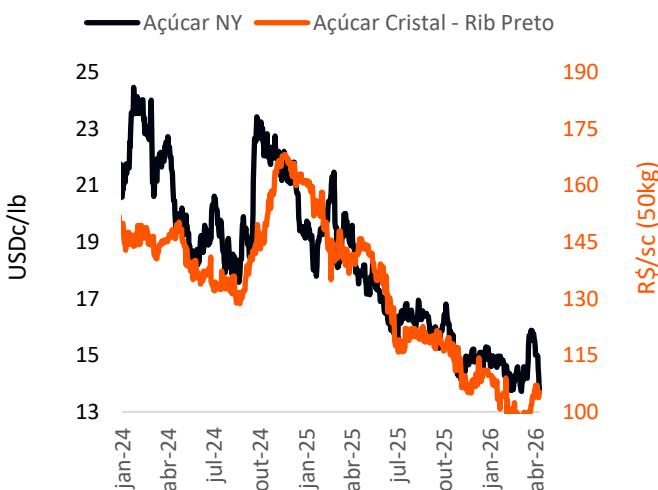
Em março, os preços do açúcar bruto na bolsa de NY avançaram 8,5% e encerraram o mês a USDC 15,5/lb. A inflexão ocorreu ao longo da segunda quinzena, após os preços terem atingido a mínima de USDC 13,7/lb em 12/fev, em um ambiente ainda pressionado pela leitura de mercado de um balanço considerado confortável. Já em abril, o mercado voltou a apresentar maior pressão, refletindo a queda nos preços do petróleo, com o açúcar fechando o dia 10/04 a USDC 13,8/lb, queda de 11% frente ao final de março.

Entre os fatores altistas, o principal vetor de suporte veio do agravamento do conflito no Oriente Médio, que provocou alta expressiva nos preços do petróleo e dos combustíveis. Esse ambiente tende a favorecer um maior direcionamento da cana para a produção de etanol, restringindo a oferta de açúcar no mercado internacional e introduzindo um viés mais positivo para as cotações do adoçante.

Adicionalmente, a revisão para baixo da estimativa de produção da Índia para a safra 2025/26, em razão do excesso de chuvas, reforçou a percepção de uma menor participação do país como exportador relevante nesta temporada.

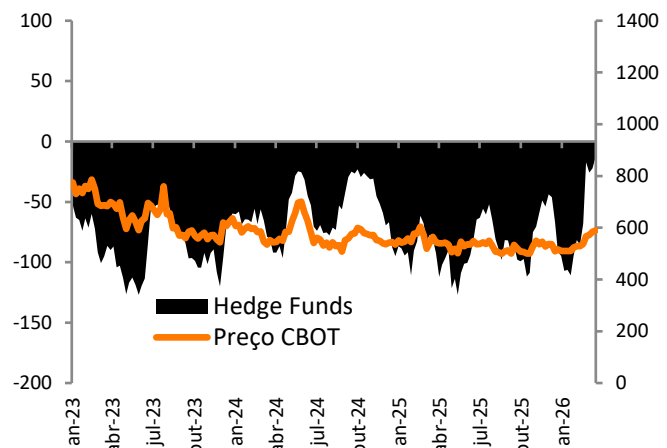
A atuação dos fundos especulativos mostrou redução da posição vendida, somando 50 mil lotes, frente a 250 mil contratos registrados em 03/mar. O movimento reflete a maior atratividade das commodities agrícolas em períodos de maior instabilidade geopolítica e econômica, o que também ofereceu suporte técnico aos preços do açúcar. Ainda assim, o mercado segue incorporando uma leitura de oferta global confortável, o que continua limitando movimentos mais expressivos de alta nas cotações internacionais.

Preços do Açúcar Nº11 e Açúcar Cristal



Fonte: Eikon

Posicionamento dos fundos não comerciais



Fonte: CFTC

Início da moagem da safra 2026/27 traz mix e clima ao foco

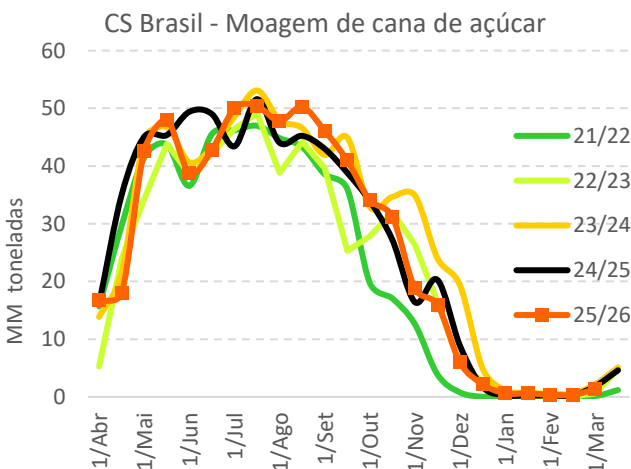
A safra 2026/27 tende a ser marcada por crescimento da moagem, mix mais alcooleiro e riscos climáticos associados ao El Niño, com impactos potenciais na oferta global, no balanço internacional e na formação dos preços.

A moagem de cana de açúcar no Centro-Sul brasileiro da safra 2026/27 teve início em abril e as perspectivas indicam crescimento da matéria prima processada, impulsionado sobretudo pela recuperação da produtividade agrícola. Nossas estimativas apontam aumento de 2,5% na moagem, totalizando 620 MM t. As decisões operacionais das usinas tendem a favorecer um mix mais direcionado ao etanol, diante da pressão observada nas cotações internacionais do açúcar e da maior atratividade relativa do mercado interno de combustíveis. Nesse contexto, a produção de açúcar deve alcançar 40,7 MM t, avanço de 0,6% em relação à safra anterior.

Do ponto de vista climático, o aumento da probabilidade do El Niño é um dos principais vetores de incerteza. No Brasil, a atenção se concentra na possibilidade de chuvas excessivas durante o período de colheita, o que pode afetar o ritmo da moagem, a qualidade da matéria-prima medida pelo ATR e a eficiência industrial, sobretudo no segundo semestre. Apesar de favorecerem o bom desenvolvimento dos canaviais no Centro Sul, as chuvas podem trazer impactos diferenciados em outras regiões. No Nordeste, o fenômeno tende a aumentar o risco de seca, o que pode comprometer o desempenho agrícola local.

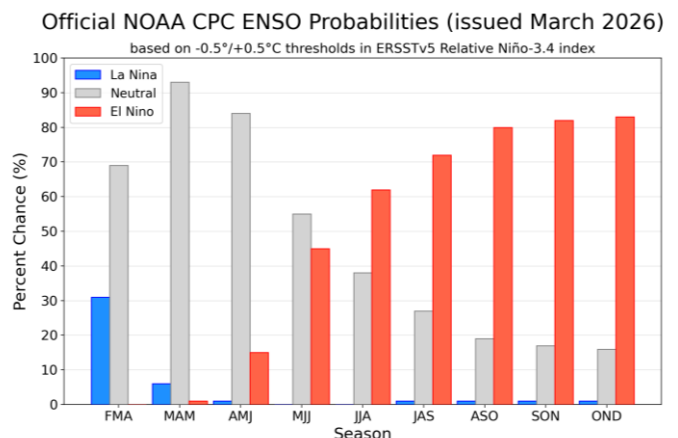
No mercado internacional, os efeitos do El Niño também seguem no radar, especialmente em importantes regiões produtoras da Ásia. A ocorrência de condições climáticas adversas pode limitar o desempenho produtivo em países como Índia e Tailândia, reduzindo a disponibilidade exportável e reforçando a dependência do mercado global em relação ao açúcar brasileiro. Nesse ambiente, o balanço global permanece sensível tanto às decisões de mix no Brasil quanto aos riscos climáticos nas principais origens produtoras

CS Brasil - Moagem de cana de açúcar



Fonte: Unica, Itaú BBA

Probabilidade de El Niño



Fonte: NOAA

Gasolina sustenta competitividade do etanol pela paridade

Os preços do etanol avançaram no mercado paulista, apoiados pela oferta restrita e pela alta da gasolina. A guerra no Oriente Médio, o petróleo e a perspectiva de maior produção em 2026/27 influenciam o cenário.

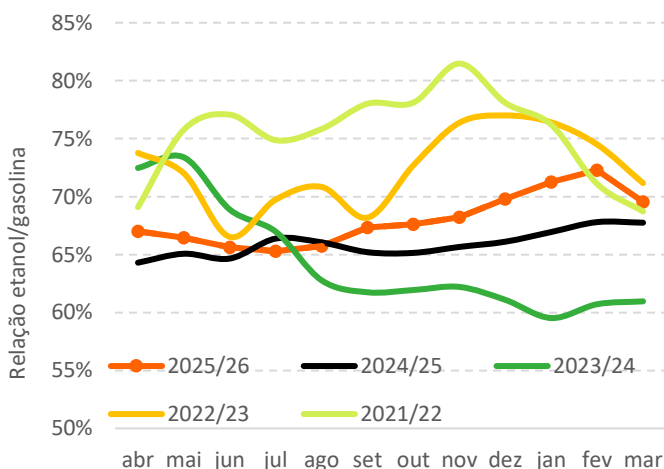
Os preços do etanol hidratado no mercado spot paulista encerraram o mês de março (31) a R\$ 3,02/l, alta de 4% em relação aos 30 dias anteriores. Nos primeiros dias de abril, a cotação manteve trajetória de valorização e fechou o dia 10/04 a R\$ 3,04/l. Na refinaria em Paulínia, o movimento também foi de alta, refletindo a combinação entre oferta ainda restrita no período de entressafra, maior firmeza das distribuidoras e a melhora da competitividade do etanol frente à gasolina. O avanço dos preços ocorre em um contexto de transição para o início da safra 2026/27 no Centro-Sul, com retomada gradual da moagem.

O ambiente externo seguiu exercendo influência relevante sobre o mercado de etanol ao longo de março e início de abril, sobretudo por meio da volatilidade do petróleo associada à guerra no Oriente Médio. A intensificação das tensões elevou os preços internacionais do petróleo ao longo de março, pressionando os valores da gasolina no mercado doméstico, mesmo sem um ajuste formal por parte da Petrobras. Esse movimento contribuiu para a melhora da paridade etanol gasolina, tornando o biocombustível mais competitivo nas bombas e sustentando a demanda no curto prazo.

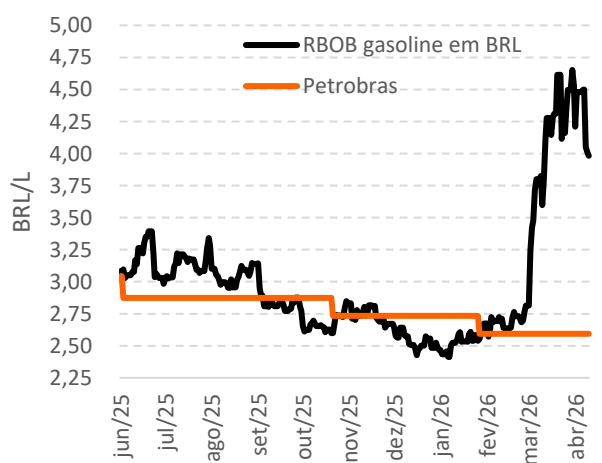
No horizonte da safra 2026/27, as expectativas de maior produção de etanol também passaram a ganhar relevância, especialmente diante da perspectiva de crescimento da moagem e de um mix mais direcionado ao combustível, conforme indicado pelas usinas do Centro-Sul. Apesar da sinalização de aumento da oferta ao longo do ciclo, o mercado de curto prazo segue sensível às oscilações do setor de energia.



Paridade Etanol-Gasolina na bomba em SP



Preços Gasolina no Brasil x RBOB em reais





Conflito pressiona fertilizantes e mantém preços em alta

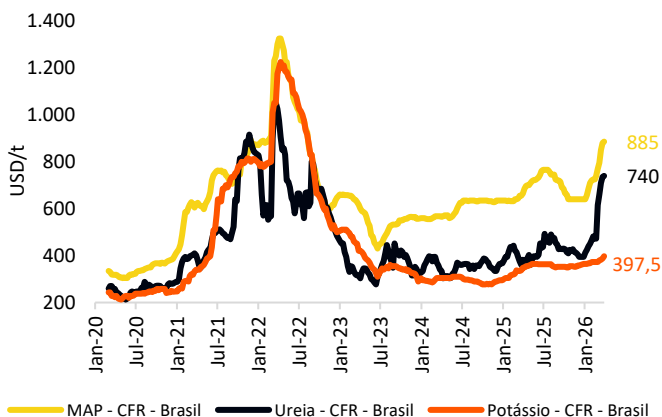
Março foi marcado por forte pressão nos nitrogenados e fosfatados, refletindo riscos geopolíticos, restrições logísticas e aumento do enxofre, mantendo preços elevados. Já os potássicos apresentaram comportamento mais estável, sustentados pela oferta mais equilibrada.

O mercado de fertilizantes nitrogenados continuou em alta entre março e início de abril, impulsionado pelo conflito no Oriente Médio, que compromete parte relevante da produção e da logística em países do Golfo Pérsico, além de pressionar os custos de frete e energia. No mercado doméstico, a ureia acumulou alta expressiva ao longo de março e início de abril, alcançando patamares próximos a USD 760/t CFR em 10/04. No curto prazo, a combinação de oferta restrita, petróleo e gás natural em níveis elevados e maior aversão ao risco tende a manter o mercado ajustado e volátil, enquanto persistirem as incertezas sobre a duração do conflito e a normalização dos fluxos logísticos globais.

O mercado de fosfatados também atravessou um período de maior tensão e volatilidade, reforçado não apenas pela escalada do conflito no Oriente Médio, região estratégica para o fornecimento de matérias primas, mas também pela alta recente do enxofre, insumo essencial na produção de ácido sulfúrico. Os preços do enxofre no Brasil acumulam alta significativa desde fevereiro, elevando os custos de produção e limitando o espaço para recuos nos fosfatados. No Brasil, os preços subiram cerca de 7% nas últimas semanas, com o MAP atingindo aproximadamente USD 890/t CFR. No curto prazo, mesmo com avanço ainda gradual da demanda agrícola, o cenário de oferta mais ajustada, custos elevados de insumos e incerteza geopolítica tende a manter os fosfatados em patamares firmes.

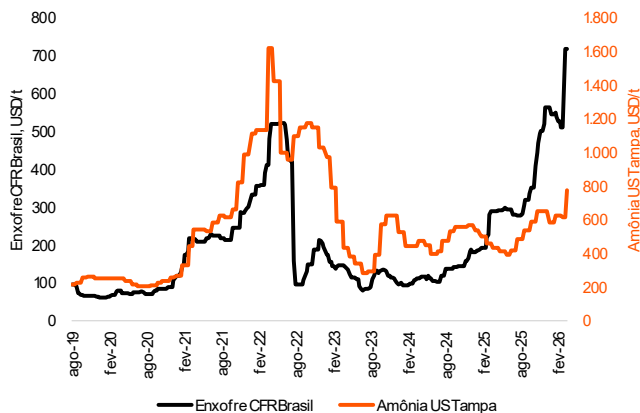
O mercado de fertilizantes potássicos seguiu apresentando maior estabilidade relativa frente aos demais, embora também afetado pelo aumento da incerteza geopolítica e pelos custos logísticos globais. A oferta internacional permanece mais equilibrada, com Rússia e Belarus mantendo fluxos relevantes ao comércio global. No curto prazo, a demanda tende a avançar de forma gradual, enquanto os preços permanecem sustentados, com menor volatilidade relativa.

Preços de fertilizantes nos portos brasileiros



Fonte: Eikon

Preços do enxofre e da amônia, USD/t



Fonte: Eikon

Acompanhe nossos conteúdos

Escaneie nosso QR Code ou clique nos links abaixo para acessar nossos canais



[Faça parte da nossa comunidade no WhatsApp!](#)



[Relatórios Recentes](#)



[Podcast](#) Prosa Agro



[Academia Agro Itaú BBA](#)



Consultoria Agro
Mesa de clientes
Fone

Consultoriaagro@itaubba.com
Mesaclientesagro@itaubba.com
(11) 3708-8130



/ Itaú BBA



Informações Relevantes

1. Este material foi desenvolvido e publicado pelo Itaú Unibanco S.A. ("Itaú Unibanco") e não deve ser considerado um relatório de análise para os fins do artigo 1º da Instrução CVM n.º 598, de 3 de maio de 2018 ou como consultoria de valores mobiliários para os fins do artigo 1º da Instrução n.º 592, de 17 de novembro de 2017.

2. Este material tem objetivo meramente informativo e não constitui e nem deve ser interpretado como sendo uma oferta de compra e/ou venda ou como uma solicitação de uma oferta de compra e/ou venda de qualquer instrumento financeiro, ou de participação em uma determinada estratégia de negócios em qualquer jurisdição. As informações contidas neste documento foram consideradas razoáveis na data em que o relatório foi divulgado e foram obtidas de fontes consideradas confiáveis e passíveis de divulgação. Entretanto, o Itaú Unibanco não dá nenhuma segurança ou garantia, seja de forma expressa ou implícita, sobre a integridade, confiabilidade ou exatidão dessas informações. Este material também não tem a intenção de ser uma relação completa ou resumida dos mercados ou desdobramentos nele abordados. O Itaú Unibanco não possui qualquer obrigação de atualizar, modificar ou alterar as informações nele contidas e informar o respectivo leitor.

3. Este material não pode ser reproduzido ou redistribuído para qualquer outra pessoa, no todo ou em parte, qualquer que seja o propósito, sem o prévio consentimento por escrito do Itaú Unibanco. O Itaú Unibanco e/ou qualquer outra empresa de seu grupo econômico não se responsabiliza e tampouco se responsabilizará por quaisquer decisões, de investimento ou de outra, que forem tomadas com base nos dados aqui divulgados.

4. O Itaú Unibanco não se responsabiliza pelo preenchimento incorreto e/ou impreciso deste material, e nem pelas decisões de gerenciamento que possam ser tomadas com base nos dados e gráficos aqui produzidos. O preenchimento, análise e decisões relativas a este material são de inteira responsabilidade dos clientes e não devem ser interpretados como projeções produzidas pelo Itaú Unibanco.

Observação Adicional: *Este material não leva em consideração os objetivos, situação financeira ou necessidades específicas de qualquer cliente em particular. Os clientes precisam obter aconselhamento financeiro, legal, contábil, econômico, de crédito e de mercado individualmente, com base em seus objetivos e características pessoais antes de tomar qualquer decisão fundamentada na informação aqui contida. Ao acessar este material, você reconhece que este contém informações proprietárias e concorda em manter esta informação somente para seu uso exclusivo.*